



David, Daniel e Sónia são alguns dos rostos que constituem o mosaico multicultural do Agrupamento. Com a simplicidade e simpatia que os caracteriza, mostraram um pouco mais de si. em direto, 18-19



Projetos A viajar também se aprende

Erasmus+ invade Agrupamento e mostra Hungria, Grécia e Bulgária aos alunos da escola. Segundo prémio no concurso artístico comemorativo dos 500 anos da viagem de Magalhães abre as portas mágicas de Sevilha aos alunos de espanhol encontro entre culturas, 15-21



Bibliotecas na promoção da leitura

Moita Flores foi um dos escritores que proporcionou aos jovens a possibilidade de conhecerem algumas das suas perspetivas sobre o mundo. escola viva, 41

Semana da Leitura une literatura e ciência e coloca os alunos à conversa com a investigadora Isabel Ferreira

escola viva 3



Ritmos do Oriente a dança que veio para ficar

Cristiana Morais é professora de Física e Química e tem uma paixão pela dança que a levou à descoberta dos ritmos orientais. Desde então, ela e as bailarinas que a acompanham somam espetáculos e prémios direto 11-14

Olimpíadas de Química+

Anaísa Moreira, do 11ºA, ficou entre os 13 melhores classificados na prova nacional das Olimpíadas de Química, sendo, por isso, convidada para as sessões de preparação para as competições internacionais. página 2

PMate

Os alunos do Agrupamento participaram mais uma vez nas duas fases das competições de Matemática que decorreram em Bragança e em Aveiro desafios 9



Proteger os rios

Alunos do pré-escolar vão ao encontro da natureza e cuidam do rio que adotaram em nome da terra 32



Encontros com a arte

Gulbenkian itinerante traz "Corpo e a paisagem" ao Centro de Arte Contemporânea Graça Morais artes&companhia 23

Editorial

“O tempo envelhece depressa” é o título do último livro de António Tabucci, no qual se apresenta uma sequência de nove histórias que têm em comum a passagem do tempo e a percepção que as personagens têm desse fluir. O tempo vivido, o que se está a viver, o da memória e o que está para vir dominam uma narrativa que percorre vários espaços, tempos e personalidades.

Enquadra-se esta referência no constatado envelhecimento da classe docente - cerca de 50% dos docentes têm mais de 50 anos e só cerca de 1% têm menos de 30 -, que justifica as várias simulações e pedidos de reforma que têm sido feitos. É um professor constringido que, na obra de Tabucci se confronta com as mudanças que o avanço da idade traz, “Alguma coisa ficou, a juventude não”, sendo esta percepção perante um tempo implacável reforçada no conto “Nuvens” pelo militar reformado: “mas a idade não para de evoluir”. No entanto, ela é importante sobretudo pela reflexão que suscita sobre o tempo, sobre o modo como se lida com ele e sobre a o modo como marca o ritmo da vida. Nas escolas, periodicamente, discute-se a duração das aulas, como está acontecer neste momento - 45', 50' ou 90'? -, reforça-se o tempo útil de cada aula e o atraso permitido. Além disso, “Já são horas”, “Estás atrasado”, “Tens de levantar-te mais cedo”, “Tens de trabalhar mais depressa”, “Não percas tanto tempo com isso”, “Não tenho tempo de estudar tudo”, “Não

sei como vou terminar o programa em tão pouco tempo”, “Perdi tanto tempo na fila” são algumas das expressões que dominam o quotidiano escolar e que mostram como é o tempo que regula a vida deste organismo educativo.

Vem, por isso, também a propósito o modo como os jovens experienciam o tempo, aparentemente inconscientes do seu poder destrutivo. Veja-se a ansiedade com que aguardam os 18 anos, antecipadamente felizes pela mudança que julgam surgir nesse momento. Querem viver o instante. Não querem “deixar para depois o que podem fazer hoje”, para não se sentirem presos e arrependidos do que não fizeram. E esquecem-se da necessidade do tempo que é necessário viver devagar para que o instante se possa captar, como o referido militar reformado diz a uma jovem com a qual conversa enquanto observam as nuvens: “Olha bem para elas e espera com paciência, mas procura captar o instante, quando não, será demasiado tarde”. Esta necessidade de aproveitar o tempo é abordada no conto “Círculo”, cuja protagonista vive o arrependimento face ao que não fez, a vontade de recuperar o tempo e, simultaneamente, a frustração decorrente da impossibilidade de concretizar o seu desejo. Arrependimento é o que não querem experimentar os que abraçaram as experiências culturais, linguísticas e pessoais diferentes e enriquecedoras que os projetos Erasmus+ lhes proporcionaram. E ganharam tempo, criando o seu próprio relógio

cujos ponteiros se movem em direção a um mundo no qual diluíram as fronteiras. Quando lhes perguntarem “como passaram o tempo”, responderão que não sentiram que este tivesse passado e que estão agora à frente dele, correndo para que não os apanhe.

Pode ainda pensar-se no tempo aprisionado na memória que tantas vezes dá sentido ao mundo e ajuda a alimentar a ilusão de que o podemos agarrar e travar o seu curso, sobretudo quando este cai sobre o homem e lhe mostra de forma cruel que nada pode fazer para contrariar a sua vontade. As esperanças, as convicções e os sonhos são abalados quando essa vontade é o encurtamento do futuro. A comunidade do agrupamento e em particular os mais próximos viveram essa angústia com a partida de alguns dos seus membros. Uns sentiram o chão tremer, outros perderam-no e tiveram de ir ao fundo de si procurar forças para recuperarem o equilíbrio que lhes era exigido. O tempo parou e para que ele recuperasse o seu andamento foi necessário vencer a força que os prendia a esse tempo, erguer a voz e torná-la suficientemente forte para a ensurdecer.

Finalmente, pode esta consciência de que o tempo envelhece depressa justificar a vontade de querer conhecer o futuro para antecipadamente o preparar. Um pouco como os protagonistas de “Nuvens” que praticam a arte da nefelomania, isto é, “a arte de adivinhar o futuro observando as nuvens. No entanto, não sendo possível interferir no

curso do tempo e não descurando a importância de viver o presente com os olhos no futuro, será melhor alojar os sentimentos nas vivências do presente e não os hipotecar numa miragem.

Afinal, o livro de Tabucci pode relacionar-se com tudo isto, mas prende-se sobretudo com a consciência humana de que é tempo que nos une aos outros e ao mundo, que liga o que fomos ao que somos e ao que seremos. E é verdade que o tempo envelhece mesmo depressa. Há um ritmo físico, constante

que define a sua presença em cada um de nós de uma forma particular e única, mas progressivamente mais forte e definida.

É neste ritmo que partimos rumo a mais um final de ano letivo, correndo contra o tempo para conseguir cumprir todos os compromissos, mas antecipadamente conscientes de que é o tempo que corre contra nós, por isso seria mais inteligente envelhecer ao lado dele.

Olímpiadas de Química+ Anaísa Moreira participa nas sessões de preparação para a competição internacional

Anaísa Moreira, do 11ºA, ficou entre os 13 melhores classificados na prova nacional das Olimpíadas de Química, sendo, por isso, convidada para as sessões de preparação para as competições internacionais.

As Olimpíadas da Química+ dirigem-se a alunos do 10º e 11.º anos. Com este concurso a Sociedade Portuguesa de Química tem como objetivo fomentar o gosto por esta ciência e apurar os alunos que representarão Portugal em competições internacionais. Cada escola pode levar à fase semifinal uma equipa constituída por três elementos. Anaísa foi acompanhada pelos colegas João Eduardo Feliciano e João Miguel Pires, da mesma turma.

Depois desta etapa, a equipa

mais bem classificada participa na final nacional, na qual os alunos têm de concorrer individualmente. A mesma engloba uma componente prática e outra teórica. Anaísa Moreira obteve uma honrosa classificação que lhe permite participar nas sessões de preparação para a sessão internacional.

OP- Por que motivo decidiste participar nas Olimpíadas da Química?

Anaísa Moreira - A proposta partiu do professor Manuel Diogo Cordeiro no ano passado. Juntamente com os meus dois colegas, achei que seria uma experiência nova e enriquecedora. Tal verificou-se e por isso decidimos voltar a participar no 11.º

Que balanço fazes desta ex-

periência, até agora?

A experiência tem sido bastante positiva, permite-nos abordar Química de uma maneira ligeiramente diferente daquilo que fazemos na escola. Sinto que tenho aprendido bastante e espero continuar a fazê-lo.

Qual foi para ti o momento mais desafiante?

Na semifinal a prova realizava-

se em equipas, ao contrário da final em que cada um concorre individualmente. O facto de ter de me separar dos colegas foi o mais difícil, visto já termos uma boa dinâmica de trabalho.

O que significa para ti esta classificação?

Sinto que ela reflete o trabalho que tenho realizado tanto na escola acompanhada pelo

meu professor como fora dela. Provou-me que a dedicação compensa e motivou-me a continuar.

Qual a relação que esta área tem com os teus projetos académicos e profissionais?

Gostava de ser estudante de Medicina no futuro e como tal Química é uma das disciplinas relacionadas com esta área.



Abertura da Semana da Leitura liga literatura e a ciência

Entre os dias 12 e 16 de abril decorreu a semana da leitura, com o mote “A literatura e a ciência”, cuja abertura oficial ocorreu na Escola Augusto Moreno, com a presença da investigadora Isabel Ferreira, do Instituto Politécnico de Bragança, que satisfaz a curiosidade das dezenas de alunos que se encontravam no auditório e que prepararam algumas das atividades que animaram o evento.

Após a atuação do coro da Universidade Sénior, os presentes puderam ouvir um poema dedicado à ciência e que foi oferecido à cientista presente, a interpretação

de Manuel Freire sobre o poema “Lágrima de Preta”, de António Gedeão (ver caixa), que ilustra bem a íntima relação que a ciência pode estabelecer com a poesia e a música, puderam assistir à curiosidade dos alunos que surgiu na forma de questões e deliciar-se com as respostas de Isabel Ferreira, que mostraram o seu gosto pela ciência. Vejamos como os jovens viveram este dia lendo o testemunho que deixaram.

A Abertura da Semana da Leitura não poderia abrir, passe o pleonasma, da melhor forma, ou seja, ao som de todas as notas melódicas e harmoniosas que fazem brilhar os nossos dias. A Universidade Sénior presenteou-nos, assim, com o seu repertório tradicional cantado a várias vozes doces e cristalinas como os rios do nosso coração.

Alunos do 5º C (coord. prof. Ana Ferreira)

A seguir contamos com a presença da Dra. Isabel Ferreira, Diretora do Centro de Investigação de Montanha e Pró

Presidente para a área de investigação e inovação do IPB que nos veio falar do que ela sabe de melhor: de Ciência. Todos nós, alunos do 5º C, nos empenhámos e dedicámos na preparação deste evento. Apresentámos um poema elaborado por nós coletivamente que, posteriormente, foi oferecido a esta cientista. Estávamos todos muito curiosos e expectantes e, deste modo, manifestámos a vontade de saber algo mais sobre esta Ciência, vertida nas perguntas que lhe colocámos. Foram muitas e certas. Ela, sempre sorridente e disponível, falou de tudo e sobre tudo o que respeita à Ciência. Apesar de não ser astrofísica, até falou de planetas,

satélites e cometas. Nós adorámos as suas respostas e, até ficámos a saber, que as duas coisas mais importantes do mundo são o amor e o dinheiro. Isto porque, referiu, a cientista, fazer ciência é muito caro dado que envolve muitas dinâmicas e, sobretudo, muito investimento.

Se já havia alguns de nós que cultivavam este gosto pela Ciência e a vontade de futuramente nos tornarmos cientistas, após este encontro, mais uns tantos se juntaram nesta partilha e neste amor, pois, afinal, fazer Ciência é tão somente ter dentro de nós um bichinho desassossegado, curioso e verdadeiro. A verdade é que adorámos esta sessão.

Lágrima de preta

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

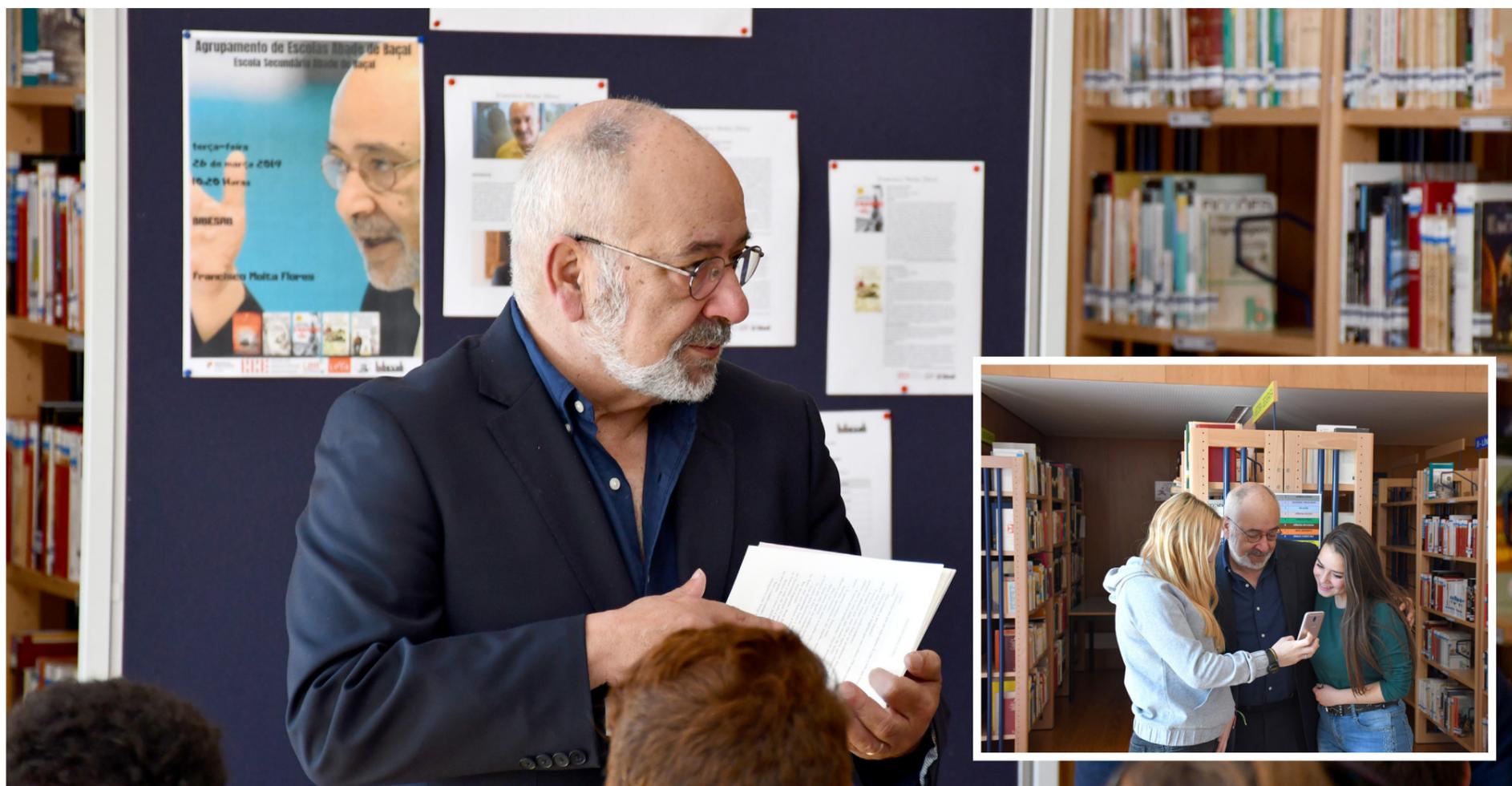
Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

António Gedeão





Francisco Moita Flores Crime, disse ele

No dia 26 de março, decorreu, na biblioteca da escola-sede do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, uma palestra dirigida pelo prestigiado escritor Francisco Moita Flores durante a qual ficámos a conhecer melhor a sua obra e ouvimos vários relatos de experiências suas ao longo da vida, sempre com o intuito de nos facultar os melhores conselhos e ensinamen-

Francisco Miguel Esteves, 12ºB

tos.

Com efeito, a vida intensa e produtiva de Moita Flores confirma a grande experiência que revela, pois, para além da sua ocupação literária, é investigador, foi durante mais de uma década inspetor da Polícia Judiciária, ocupou já vários cargos importantes na política, colaborando, de forma frequente, em jornais e revistas nacionais. É ainda relevante destacar que em 2009 foi condecorado pelo, na altura, Presidente da República com o grau de Grande Oficial da Ordem do In-

fante pela sua ilustre carreira pública e literária.

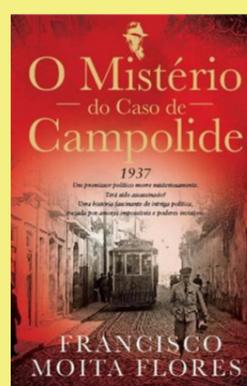
Deste modo, o escritor, deixando, em muitos momentos, recair a palestra para um rumo mais introspetivo, evidenciou o seu cariz filosófico, abordando problemáticas que vão emergindo nos nossos dias. Um exemplo das questões sobre as quais Moita Flores nos convidou a refletir ao longo da sessão foi o tema relativo à importância dos afetos e sua aparente desvalorização gradual. Assim, deixando uma crítica ao envolvimento que os jovens, hoje em dia, mantêm com o mundo virtual, o literato apelou ao desprendimento dos “likes” e de tudo o que nos retenha nessa

realidade que nada de muito valor nos dá, enaltecendo a fulcralidade da convivência social que, lamentavelmente, parece diminuta.

Por conseguinte, o tom descontraído e informal intercalado com o humor e boa disposição que o palestrante impôs ao longo do seu discurso foi essencial para o à vontade e atenção que o auditório revelou. A postura bastante descontraída foi outro aspecto que também ajudou a aumentar a nossa proximidade com o palestrante. Neste sentido, constata-se que o ambiente acolhedor que se fez sentir na biblioteca naquela hora e meia de conversa foi, sem dúvida, um dos fatores mais ca-

tivantes da palestra, para além de, a meu ver, isso ter sido também um excelente catalisador para a concretização positiva da mesma.

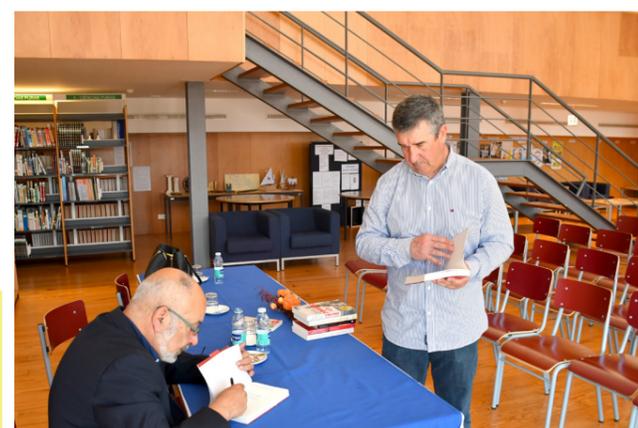
Portanto, ainda que Francisco Moita Flores tenha contado algumas histórias acerca da produção dos seus livros e do seu envolvimento com os mesmos, centrou-se pouco na generalidade da sua obra, adotando sobre-



1937. O Estado Novo chegou ao seu apogeu. No ano seguinte haverá eleições, e na casa do industrial Álvaro Penaguião celebra-se o convite para integrar as listas da União Nacional: um jantar no seu palacete em Campolide com um grupo de amigos, destacadas figuras do Regime (da contracapa)

“Moita Flores teve uma conversa amistosa com os alunos, tendo abordado muitos temas, tendo um em particular captado a atenção dos estudantes: alertou os para o facto de os jovens passarem a maior parte do tempo nas redes sociais, deixando passar o que há de melhor na vida e expondo-se a múltiplos perigos. Também achei muito interessante o facto de ele falar um pouco da sua vida enquanto polícia, mostrando como esta é inspiração para as suas obras, nomeadamente o último livro, uma ficção policial chamada “O Mistério de Campolide”

Marta Marques



tudo uma postura mais filosófica, fazendo-nos refletir, à medida que nos ía facultando princípios acerca de temas que, por vezes, não valorizamos

tanto, mas que mais tarde acabaremos por perceber que poderão ser, de facto, importantes na vida de cada um de nós.

Quando o limite da imaginação somos nós mesmos

No dia um de março de 2019, a partir das dez horas e vinte minutos, realizaram-se no auditório da escola secundária Abade de Baçal duas sessões de apresentação do livro “Os homens nunca saberão nada disto”, levadas a efeito pela autora do mesmo, cujo nome artístico é Pat R. Com o objetivo da aquisição de novos conhecimentos estiveram presentes nesta palestra diversas turmas do ensino secundário e alguns dos seus professores.

Andreia Teixeira, Iolanda Veiga, Maria Silva, Vanessa Lemos, 10º A

Assim, nesta sessão, a jovem escritora partilhou com todos um pouco sobre o seu percurso académico, referindo que a decisão de se dedicar totalmente à escrita foi complicada pelo facto de os seus familiares não a apoiarem totalmente e por ser uma atividade mal remunerada, que lhes parecia suscitar porcas certas de um futuro promissor.

Seguidamente, a escritora abordou a história narrada no seu último livro publicado, intitula-



do “Os homens nunca saberão nada disto”, que conta a vida de dezoito hipotéticos filhos de um casal da Califórnia, e refletiu sobre as personagens intervenientes na ação do mesmo, mostrando algumas características físicas e psicológicas que estas apresentam. Além disso, as diferentes possibilidades de interpretação dessas personagens, que foram representados por vários artistas plásticos, implica-

ram resultados completamente diferentes, exponenciando a componente visual do romance de Patrícia R.

Para além disso, a autora revelou os seus métodos de escrita, como a audição de música, que influenciaram o enredo do seu livro e contribuíram para a originalidade do projecto, que é acompanhado de uma experiência de leitura sensorial, já que o livro tem referências musicais e

elementos gráficos que tornam a leitura plenamente criativa. Seguidamente, Patrícia Ribeiro fez uma exposição em formato digital de algumas páginas do livro suprarreferido, explicando os tipos de pinturas presentes nas mesmas e os seus significados, onde está patente aquela que a escritora considera ser a cultura que influencia mais jovens, a norte-americana.

Concluindo, Patrícia Ribeiro,

ao mesmo tempo que apresentou o seu livro, mostrou uma outra perspetiva da leitura que pode ser feita usando música e imagens, que contribuem para o desenvolvimento da criatividade. Terminando esta motivadora e excelente palestra, leu um excerto, de forma cativante e expressiva, do seu livro acompanhado pela música do CD do “livro dos extras”.
Absolutamente inspirador!

Quadrinhos de histórias

Nos corredores do primeiro piso da Escola Secundária Abade de Baçal pode ser vista uma exposição de banda desenhada com obras realizadas pelos alunos da escola, no âmbito da disciplina Educação Visual, orientada pelo professor Ortega.

André Rodrigues, Inês Oliveira - 8ºA

Os trabalhos incidem sobretudo sobre a região, num convite claro a que os jovens olhem para a realidade envolvente, a reproduzam e transformem esteticamente. Enquadram-se neste contexto as produções que abordam casos de incêndios, ou que mostram o conhecimento da nossa cidade, com visitas a monumentos de Bragança, tais como, à catedral, à Torre da Princesa, às muralhas, à “Domus”, às igrejas, ao pelourinho entre outros. Além disso, a exposição evidencia a

preocupação social e ambiental dos jovens, existindo uma história que retrata uma doação de recursos a uma aldeia pobre de África, Lubango, que estaria a passar por um período de seca, sensibilizando, assim, as pessoas a oferecerem água para a ajudarem.

Aventuraram, ainda, pela história das lendas associadas à cidade de Bragança, relatando paixões passadas no seu castelo.

Concluindo, a partir da leitura destas bandas desenhadas, é possível aprender um pouco sobre parte da história de Bragança. Além disso, é, de igual modo, possível observar o trabalho executado pelos alunos da nossa escola em anos transatos e a própria arte do desenho e da escrita. Com esta exposição, os discentes puderam recordar trabalhos anteriores e inspirar outros colegas a produzir novas obras.



Diluir barreiras Intercâmbio transfronteiriço Bragança-Zamora

No dia 2 de abril, realizou-se a primeira fase do intercâmbio escolar com Zamora no Agrupamento Abade de Baçal, que consistiu numa partilha de conhecimentos culturais, económicos e sociais, no qual se destaca o convívio e a confraternização entre jovens da mesma faixa etária e respetivos professores.

Andreia Teixeira, Iolanda Veiga,, 10º A

Durante este dia, os alunos levaram a efeito diversas atividades dentro e fora do estabelecimento de ensino. Assim, após a chegada dos alunos da IES Universidad Laboral de Zamora foi realizada uma apresentação sobre Bragança em particular do rio Fervença exibida pelo arquiteto e professor da escola João Ortega. Seguidamente, foi efetuada uma visita guiada pelo edifício com a presença dos alunos de 10º ano das turmas de Ciências e Tecnologias, A e B, e professores correspondentes. Após este percurso, os estudantes dirigiram-se ao centro comer-

cial enquanto aguardavam a hora do almoço que se realizou na cantina da escola.

Ao longo da tarde, os jovens realizaram um percurso pedestre pela cidade passando pela Câmara Municipal, Instituto Politécnico de Bragança, Casa da Seda e o Centro de Ciência Viva, o qual visitaram e onde foi realizada uma experiência relacionada com o ADN e a visualização telescópica do sol. Posteriormente, encaminharam-se ao castelo de Bragança no qual puderam desfrutar de um piquenique com comida elaborada pelos alunos da nossa escola.

A segunda parte desta atividade decorreu no dia 5 de abril de 2019 em que os estudantes da Abade de Baçal se dirigiram a Zamora. Em primeiro lugar, estes foram recebidos e direcionados por uma professora espanhola para a igreja da escola onde receberam uma descrição do interior e explanação da história da mesma. Em segundo lugar, ocorreu a visita às instalações do Instituto pelos professores que terminou na cantina onde os alunos usufruíram de um lanche. Em terceiro lugar,

realizou-se uma visita guiada à cidade acompanhada por uma guia. Posteriormente, os alunos dirigiram-se ao estabelecimento para presenciarem uma exposição dos trabalhos elaborados pelos alunos do Instituto sobre Nutrição, Economia e Saúde e para almoçarem.

No período seguinte, tiveram a oportunidade de conhecer a queijaria e exploração de gado “Los Vivales” de Coreses, onde puderam usufruir de uma exploração pormenorizada acerca do método de criação de ovelhas, produção e venda de queijos, acompanhados pelos alunos e professores espanhóis. Mais tarde, decorreu o lanche na cidade de Toro oferecido pelo Instituto e pelos seus estudantes e uma visita à mesma.

Em suma, este intercâmbio contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos e a partilha de valores e cultura que os enriqueceram a nível pessoal e profissional, bem como, a criação de laços de amizade.

Olimpíadas de Literatura e da Língua Portuguesa

O Departamento de Português do Agrupamento organizou mais uma edição das Olimpíadas de Português, tendo decorrido a sessão do terceiro ciclo no dia 26 de abril e a do ensino secundário no dia 10 de maio, na Biblioteca da escola, enquanto a de 2º ciclo se encontra agendada para dia 7 de junho.

Com o propósito de desenvolver o conhecimento gramatical dos alunos e o seu interesse pela literatura, foram elaboradas provas compostas por questões de gramática e de literatura universal, que foram disponibilizadas através de uma plataforma à qual acederam cerca de 200 alunos, organizados em pares ou grupos de três. Para responder aos questionários, usaram os dispositivos móveis, que puderam utilizar também para fazer consultas.

O pódio do terceiro ciclo foi

ocupado pelos alunos Carolina Batista, Mariana Vaz, e Inês Podence, do 8ºB, (1º lugar) e Ana lobo, Andreia Gonçalves, e Inês Oliveira, 8ºB, Ana Fernandes, Ema e maria Inês, do 7ºC, e Beatriz Alves, Beatriz Sobral e Tiago Pereira, do 9ºB (2º lugar ex aequo), enquanto no ensino secundário o 1º lugar foi conquistado pelos alunos Francisco Madureira, Paulo Rodrigues e Diogo Brancop, do 10ºA, o 2º por José Neves e Sara Azevedo, do 11ºB, e e, finalmente, o terceiro, ex aequo, por três grupos constituídos pelos discentes Iolanda Veiga, Hugo Vaz e Alex Gonçalves, do 10ºA, Carlos Mofreita, André Pires e Tiago Pereira, do 12ºA, e Miguel Esteves e Diogo Parente, do 12ºB.

A forte adesão dos alunos justificou a intenção do Departamento de voltar a integrar esta atividade no seu Plano de Atividades.



Aprendizagem ao longo da vida

Por detrás dos números e das certificações

No último artigo publicado no jornal do Agrupamento, em 11 de maio de 2018, fizemos uma avaliação quantitativa do trabalho realizado face às metas impostas, comprometemo-nos a dar-vos a conhecer uma outra dimensão, que consideramos mais humanista, de maior proximidade, de partilha, de envolvimento e de empatia com todos os adultos que passam pelo nosso Centro, como dissemos nessa altura.

Manuel Norberto Trindade
(Coordenador)

Vamos, pois, descortinar a alma, o funcionamento e as vicissitudes do Centro Qualifica.

Aos Centros Qualifica foi-lhes atribuída a prioridade política de “revitalizar a educação e formação de adultos enquanto pilar central do sistema de qualificações, assegurando a continuidade das políticas de aprendizagem ao longo da vida e a permanente melhoria da qualidade dos processos e resultados de aprendizagem”

A aprendizagem ao longo da vida tem como objetivos motivar as pessoas para a educação e formação contínuas, ajudando-as a encontrar o seu percurso de qualificação – orientação ao longo da vida - e a identificar as suas competências transferíveis e as aprendizagens decorrentes das experiências de vida; contribuir para o aumento das taxas de conclusão dos estudos e da formação, com o intuito de melhorar a eficiência relativa ao mercado de trabalho, reduzindo o desemprego e promovendo a mobilidade e competências de gestão da carreira. Outro objetivo consiste em facilitar a inclusão social, apoiando a inserção e reinserção das pessoas que têm dificuldade em compreender a informação relativa à aprendizagem e em aceder ao mercado de trabalho.

Como se percebe, atingir esses objetivos não é uma tarefa fácil. Ela começa ou começava quase sempre com a tentativa de dar resposta a um conjunto de questões: onde estão esses adultos que necessitam de melhorar a sua qualificação? Como encontrá-los? Como trazê-los até ao Centro? Que razões possuem eles para largar a sua zona de conforto e se aventurarem

na gestão do seu dia a dia para conciliar emprego, família e formação?

Cientes dessas dificuldades e das reservas sempre expressas por potenciais formandos, sabemos que nossa primeira intervenção é determinante. Nela temos que conjugar uma informação simples e clara. Desde a formação em si, à metodologia, ao tempo de realização do processo, mas sobretudo da nossa disponibilidade e capacidade de adaptação às suas possibilidades/exigências. Essa informação tem que ser, sempre, acompanhada de uma boa dose de comunicação empática que não raras vezes passa por uma sensibilização/sedução dos formandos através de uma coreografia estética da qual se espera nasça uma conexão entre os candidatos aos elementos da equipa.

A descrição feita anteriormente pode parecer exagerada. Não é. Durante dois anos (2014/15 e 2015/16) atrair formandos foi a nossa grande dificuldade. De tal forma que tivemos que alterar, melhorar e adequar estratégias para ultrapassar a resistência dos eventuais candidatos, particularmente os que mais necessitavam de formação. O segundo maior desafio foi manter no processo os formandos que, com esforço, conseguíamos, apesar de tudo, trazer até ao Centro. Esses foram tempos muito difíceis. De questionamento constante. De lutas, aprendizagens... de reconstrução de processos e metodologias. De muitas dores de cabeça.

Às dificuldades descritas, associaram-se muitas outras. Uma equipa desajustada e mal preparada. Muitos dos elementos dispunham poucas horas no Centro, não acusavam nenhuma responsabilidade e por isso o seu envolvimento era fraco. Alguns nunca assumiram o papel que desempenharam. Por muitas razões..., mas também pelo estigma, pelo não reconhecimento dos seus pares, pelo isolamento,... Felizmente hoje podemos dizer que estamos a trilhar um caminho sem pedras, ou com muito menos obstáculos. A afirmação do Centro foi atraindo candidatos, a estabilidade da equipa e a sua maior experiência melhorou a eficácia e eficiência do trabalho desenvolvido. Mas é

na coesão, na cumplicidade, na cooperação e no sentido de missão que reside a nossa melhoria.

Mas a superação das dificuldades exige de nós uma grande entrega. A prontidão, a simpatia e a flexibilidade sempre ao serviço do Centro. A questão que colocamos com frequência e acuidade é a seguinte: o que podemos fazer para responder às necessidades e às solicitações de quem nos procura? É esse esforço de resposta que nos promove, é essa disponibilidade que conquista simpatias. É a eficácia que faz com que os formandos venham e permaneçam. É a política de centralidade do beneficiário.

Depois há a emoção. O início da construção da história de vida. O voltar atrás. As recordações. Nem sempre felizes. Como conciliar esse histórico com a identificação de evidências e a validação de competências sem colocar em causa o bem estar emocional dos formandos e a privacidade das suas partilhas? Entram aí o papel determinante dos técnicos e formadores. Neste momento é imperioso articular as exigências da validação de competências com uma grande dose de sensibilidade e compreensão na gestão emocional. É um momento importante na conquista da confiança do formando. E quando essa confiança é conquistada, o Centro deixa de ser apenas uma plataforma informativa/formativa, para ser um local de acolhimento, de esperança e de futuro. Neste momento exige-se da equipa uma boa gestão da informação. E cabe, em primeiro lugar, ao responsável que mais diretamente se dedicou ao formando essa gestão. Sim, porque há sempre um técnico e ou um formador, que está mais próximo de determinado formando.

Conquistar o formando é essencial, mas a conquista deve revestir várias dimensões. Ganhar a sua confiança é um primeiro passo, mas não podemos esquecer o essencial e este é a sua qualificação/formação. Um problema sério a resolver. Trabalhamos com pessoas que na sua maioria estão há muito afastadas da escola, afastadas da formação e afastadas da leitura e ou qualquer outro processo de desenvolvimento cognitivo. Retomar não é fácil. Desde a



leitura, à compreensão, à reflexão até ao manuseamento das novas tecnologias. Há que manter a motivação mesmo face às fragilidades. E conseguir o mínimo, é pouco. O caminho está balizado nos referenciais e o nível de exigência definido por critérios claros. Mas há formandos a quem se impõe exigir mais. Se uns apenas são capazes de dar resposta a objetivos e níveis de realização mais baixos (explorar e analisar), outros há que podem e devem demonstrar competências ao nível da ação e da avaliação.

É certo que a construção do portefólio reflexivo de aprendizagem gera nos formandos, emoções, angústias, frequentemente se cruzam com o desânimo, a desistência e até mesmo a derrota, mas também desperta os sentidos e renova a esperança. Mas é na sessão de júri de certificação que se atingem os extremos se tocam. Os formandos têm que fazer uma apresentação de uma parte da sua história de vida, de uma das suas atividades profissionais e ou de uma qualquer atividade de lazer ou outra. Nela devem demonstrar competências em todas as áreas de competência chave (ACC). Aqui eles entram em ação. Nesta sessão evidenciam se tantos as competências quanto as limitações. É por isso um momento de tensão. Que os elementos de júri tentam atenuar. Mas não é fácil, como devem imaginar, fazer uma apresentação pública, na maioria dos casos pela primeira vez, para

um júri composto por 4 ou 5 elementos consoante o nível de escolaridade onde, à exceção de um, são desconhecidos.

Se há lugar, momento e circunstância, onde a expressão que nos diz que quanto maior é a dificuldade maior é o sabor da vitória, a sessão de júri é seguramente um deles. E quando ela termina isso fica muito evidente. Os formandos sentem-se mais confiantes, valorizados e melhoram consideravelmente a sua autoestima. É um momento de satisfação e de glorificação. O orgulho é claro. O sentimento de exemplaridade perante os seus filhos, não raras vezes, torna-se visível nos seus rostos. E acreditem, é também um momento de satisfação para a equipa. Vale a pena ver aquela felicidade nos seus olhos. Mas sendo o processo (RVCC) um meio de qualificação e de certificação onde a essência reside na demonstração de competências adquiridas ao longo da vida, em situações formais e informais, não deixa de ser verdade que o contacto com um ambiente de aprendizagem, com as novas tecnologias, com a abordagem, discussão e reflexão sobre alguns temas, deixa estes formandos mais abertos, mais capazes e melhor preparados para o desempenho da sua atividade ou com mais e melhores competências para ingressar no mercado de trabalho. É isso que nós desejamos, é isso que o governo nos pede e é isso que esperamos se concretize. Para bem dos formandos e para bem do país.

PMATE

Projeto Matemática Ensino

Decorreu no dia 13 de março de 2019 a primeira fase das competições nacionais do projeto PMate em colaboração com a Universidade de Aveiro. O Departamento de Matemática da nossa escola assumiu mais uma vez a responsabilidade de dinamizar esta atividade, havendo cerca de 326 alunos inscritos nas várias competições - Diz4 (4º ano); Maismat (5º e 6º ano); EQUAmat (7º ao 12º ano) e Fquest (11º ano). Participaram as escolas: Abade Baçal, Augusto Moreno, Izeda e Escola de Santa Clara.

Paula Rodrigues

As provas decorreram nas salas de informática da Escola Abade Baçal, Augusto Moreno e Izeda das 8h30min às 17h15min com normalidade.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz4(4ºano) (20 níveis), posições 19, 38 e 71 de 622 equipas, as equipas: (Nível 20) Frederico José Fernandes / Ana Aleixo Carvalho; (Nível 20) Nuno Miguel Pereira / Lara Lourinho Vila; (Nível 19) Maria Inês Mandim / Diana Alexandra Alves.

Na prova Maismat de 5ºano

(10 níveis), posições 14,53 e 57 de 504 equipas, as equipas: (nível 10) Rafaela Filipa Freixo Cavaleiro / Isabel Patrícia Alcamiro dos Santos; (nível 10) Nuno André Rodrigues Ferreira / João Francisco Cepeda Cordeiro; (nível 10) Simão Valdemar Moraes Cordeiro / Beatriz Rodrigues Sotto Mayor.

Na prova Maismat de 6ºano (10 níveis), posições 5, 8 e 10 de 564 equipas, as equipas: (nível 10) Maria João Canteiro Matos / Carlos Sousa Alves Lourenço Casimiro da Costa; (nível 10) Leonor Pires Garcia / Ana Helena Ferreira Rodrigues Cepeda Cordeiro; (nível 10) Luís Murça Domingues / Lia Pascoal Meireles.

Na prova EQUAmat de 7º ano (20 níveis), as posições 64, 94 e 125 de 567 equipas, as equipas: (nível 13) Tiago Trindade Simões / Martim Branco; (nível 10) Mário Tiago Monteiro Pereira / Joel Tomás Moraes Miranda; (nível 8) João Pedro Lourenço Oliveira/Diogo Fevereiro da Costa.

Na prova EQUAmat de 8ºano (20 níveis), as posições 13, 59 e 86 de 589 equipas, as equipas: (nível 15) José Magro / José Alexandre Pereira; (nível 10) Carolina Isabel Rodrigues Teixeira / Andreia Filipa Veigas Gonçalves; (nível 9) Rafael da Cunha

Dias Parada/Pedro António Ortiz da Silva.

Na prova EQUAmat de 9ºano (20 níveis), as posições 51, 59 e 80 de 532 equipas, as equipas: (nível 11) David José Choupinha Cameirão / Carolina Rolo Dias; (nível 11) Lucas Pedro Afonso Batista / Dinis Gralhós César; (nível 10) Daniela Filipa do Vale Monteiro / Beatriz Fernandes Alves.

Na prova Mat12(10ºano) (20 níveis), as posições 43, 53 e 58 de 203 equipas, as equipas: (nível 12) Maria Rodrigues Freitas / Aníbal Eduardo Fundo; (nível 11) João Pedro Diegues Marques / Bernardo Miguel Alves Machado; (nível 10) Telmo Guilherme Alves Pires / Rodrigo Alexandre Barros Gonçalves.

Na prova Mat12(11ºano) (20 níveis), as posições 37, 45 e 49 de 186 equipas, as equipas: (nível 11) Beatriz Ester Marques Preto / Ângela Maria Castro Rodrigues; (nível 10) Vitoria Fernandes / Sara Moraes de Azevedo; (nível 10) Francisco João Preto / Emanuel Nuno Samões Videira.

A segunda fase decorreu nos dias 29 (2ºciclo e secundário) e 30 (1º e 3ºciclo) de abril na Universidade de Aveiro.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível

nacional:

Na prova Diz4(4ºano), as posições 42, 109 e 176 de 515 equipas, as equipas: (nível 20) Frederico José Fernandes / Ana Aleixo Carvalho; (Nível 19) João Maria Lima / Ana Luís Afonso; (Nível 17) Pedro Sousa Costa / Margarida Afonso Silva. Na prova Maismat de 5ºano, as posições 69, 119 e 231 de 415 equipas, as equipas: (nível 8) Rafaela Filipa Freixo Cavaleiro / Isabel Patrícia Alcamiro dos Santos; (nível 4) Simão Valdemar Moraes Cordeiro / Beatriz Rodrigues Sotto Mayor; (nível 3) Nuno André Rodrigues Ferreira / João Francisco Cepeda Cordeiro.

Na prova Maismat de 6ºano, as posições 71, 145 e 157 de 478 equipas, as equipas: (nível 9) Luís Murça Domingues / Lia Pascoal Meireles; (nível 6) Henrique António Moraes de Carvalho / Francisco José Alves Vaz; (nível 5) Maria João Canteiro Matos / Carlos Sousa Alves Lourenço Casimiro da Costa.

Na prova EQUAmat de 7º ano as posições 331 e 380 de 563 equipas, as equipas: (nível 5) João Pedro Lourenço Oliveira/Diogo Fevereiro da Costa; (nível 3) Tiago Trindade Simões / Martim Branco.

Na prova EQUAmat de 8ºano as posições 34 e 317 de 568

equipas, as equipas:(nível 14) Carolina Isabel Rodrigues Teixeira / Andreia Filipa Veigas Gonçalves; (nível 3) José Magro / José Alexandre Pereira.

Na prova EQUAmat de 9ºano as posições 81, 230 e 246 de 536 equipas, as equipas: (nível 14) Lucas Pedro Afonso Batista / Dinis Gralhós César; (nível 6) Gonçalo Oliveira Vaz Pires / Diogo Domingues; (nível 6) Daniela Filipa do Vale Monteiro / Beatriz Fernandes Alves.

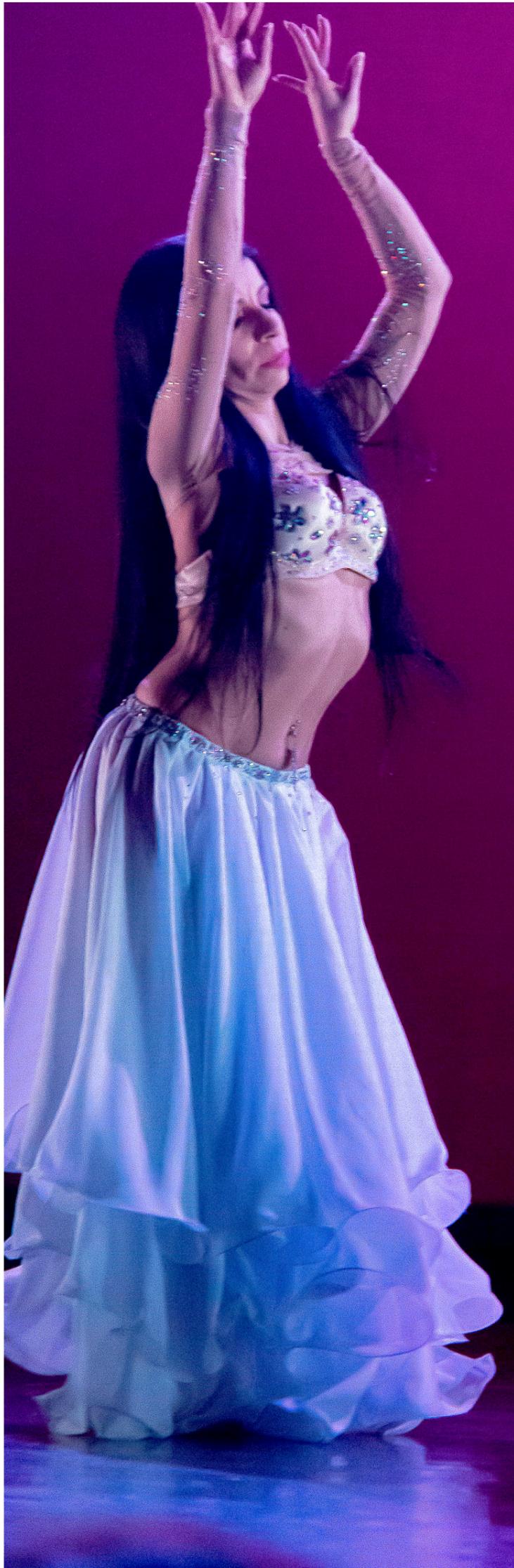
Na prova MAT12 de 10ºano as posições 215 e 258 de 332 equipas, as equipas: (nível 5) João Pedro Diegues Marques / Bernardo Miguel Alves Machado; (nível 4) Maria Rodrigues Freitas / Aníbal Eduardo Fundo.

Na prova MAT12 de 11ºano as posições 56,94 e 105 de 282 equipas, as equipas: (nível 10) Diogo Pereira Teixeira / Constança Santos Almeida Cabral; (nível 8) Francisco João Preto / Emanuel Nuno Samões Videira; (nível 8) Beatriz Ester Marques Preto / ngela Maria Castro Rodrigues.

O departamento agradece o empenho de todos os que possibilitaram aos alunos do nosso agrupamento a participação nesta atividade e felicita os nossos alunos pelo seu envolvimento e pelos resultados obtidos nas várias provas.



Kyahara Yasmin e a dança or



Professora de Física e Química, Cristiana Morais descobriu na dança oriental uma nova paixão que a tem levado a pisar diferentes palcos e a conquistar alguns prémios. Entretanto, o gosto por esta modalidade foi-se alastrando na cidade e muitas outras bailarinas se formaram.

Clube de Jornalismo

- Quem é Cristiana Morais?

Nasci em Bragança, no dia 22 de fevereiro de 1978. Sou a quarta filha de um casamento feliz. Desde que me lembro que a minha profissão de sonho era ser Professora. Licenciiei-me em Física no ano de 2002. Em 2007 concluí o mestrado em “Química para o Ensino”. Sou professora de Física e Química há 18 anos.

- Quando e como começou a paixão pela dança?

Desde muito cedo o bichinho da dança apareceu na minha vida. Teria eu uns 8/9 anos talvez, quando o interesse pela dança, sem um estilo específico, começou. Não havia internet, não havia escolas de dança. Inspirada pelos filmes como “Grease” e “Dirty Dancing” e séries como “Fame”. Para além disso, programas de música também ocupavam algum tempo de antena na televisão, e nesta década surgem videoclips inesquecíveis de grandes figuras da música pop, como Michael Jackson, onde a dança estava sempre presente. O tempo era passado muitas vezes com um grupo de amigas, criando coreografias que depois eram apresentadas publicamente nas festas de final de período da escola ou nas festinhas de Natal do bairro. Chegávamos mesmo a criar espetáculos (risos).

- Porquê a dança oriental?

A dança oriental apareceu um pouco mais tarde na minha vida. Em 2006 abriu pela primeira vez uma Academia de Dança em Bragança. Como nesse ano dava aulas em Chaves, as viagens ocupavam uma parte significativa do meu tempo, e a única possibilidade de me inscrever nessa Academia era aos sábados. Telefonei, e a única dança que havia ao sábado era a Dança Oriental. Podia ser uma belíssima história (risos), mas foi um mero acaso. E foi assim que começou. Comecei a ir às aulas, a pesquisar um pouco mais sobre o assunto. Cada informação que lia despertava ainda mais o meu interesse. A

riqueza da dança, da cultura é tão vasta que o gosto se tornou paixão e com o tempo a paixão se transformou em puro Amor. Um amor daqueles que queremos para a vida toda!

- Escolheu como nome artístico, Kyahara Yasmin. Porquê? O que significa?

A escolha do nome artístico é algo que recordarei sempre com muito carinho. A maior parte das bailarinas escolhe o nome em função do significado da palavra em árabe. O meu nome foi escolha dos meus filhos: Kyahara, vem de kiara que é o nome da pequena leoa que aparece no filme Rei Leão II - filha do Simbad, o protagonista principal do filme; o nome Kiara tem origem na forma italiana Chiara. Eu optei por alterar um pouco a grafia desta palavra para Kyahara. Ou seja, foi mesmo criação minha. Não sei se existem mais pessoas que usem o nome escrito desta forma. Em relação a isto, sinto-me um pouco como William Shakespeare criando novas palavras (risos). Yasmin, vem de Jasmin a princesa de outro filme da Disney: Alladin. A origem do nome está nas palavras persas Yasmin, Yasamen, que quer dizer literalmente “jasmim”. Portanto, o significado deste nome está diretamente relacionado com esta flor. O nome Yasmin tem uma relação muito forte com o sentimento de amor que as pessoas possuem umas pelas outras. Uma lenda Hindu conta a história do deus do amor, que colocava uma flor de jasmim nas suas flechas, com o objetivo de distribuir amor e afeto para o coração das pessoas.

A dança oriental – o percurso em Bragança

- Como foi a reação inicial do público a esta dança, já que Bragança é uma cidade tradicional e conservadora?

Como qualquer novidade. É sempre um processo lento. Para o público em geral, a visão da dança é, muitas vezes, focada na sensualidade. Nos países árabes,

a visão é simplesmente cultural. Bragança não é diferente e a conotação da sensualidade está sempre muito presente. A público gosta da dança, mas por vezes parece que tem receio em assumir isso. Estamos a falar de uma dança com anos e anos de história. Uma dança que nasce num período matriarcal, em que o papel de liderança e poder está centrado na mulher e especialmente nas mães de uma comunidade. Uma sociedade que desconhece a guerra e a violência sistemática, que não possui classes nem estrutura rígida de poder, que não oprime mulheres nem homens e que celebra a vida a ponto de adorar a natureza como expressão de um ser divino. É neste ambiente que a dança se desenvolve, entre 7000 e 5000 a.C. Os seus movimentos aliados a música e sinuosidade semelhante a uma serpente foram registrados no Antigo Egipto, Babilónia, Mesopotâmia, Índia, Pérsia e Grécia, e tinham como objetivo preparar a mulher, através de ritos religiosos dedicados a deusas, para se tornarem mães. Mas os traços dessa cultura teriam sido progressivamente extintos a partir de 4.000 a.C., quando invasores teriam tomado os continentes e introduzido o machismo, a cultura da guerra e a sociedade patriarcal. As próprias religiões que começam a surgir nesta altura ignoram a força e o papel da mulher, pois são marcadas na sua história por um poder unilateral androcêntrico (centrado no masculino). A inferiorização da mulher nessas religiões pode ser vista de várias formas, tanto nas histórias de seus livros sagrados, como na própria hierarquia religiosa, na qual a mulher não é reconhecida como autoridade. Deus é projetado como homem nestas religiões, que, por sua vez, legitima a centralidade no macho na sociedade. O sacerdote é homem, o rei é homem, os profetas são homens, os salvadores são homens. Enquanto Deus é homem, os homens serão deuses.

O papel, ou a intervenção da

iental



mulher tem fraca representatividade ao longo da história. Na história da arte, por exemplo, é grande a diferença entre o número de artistas masculinos e femininos. No entanto, quando analisamos o número de mulheres e de homens representados na arte, esta tendência é invertida, com claro predomínio da figura feminina. Na arte, a mulher não é o sujeito, mas o objeto. Infelizmente a mudança de mentalidades não se processa ao ritmo das transformações políticas e tecnológicas. Desta forma, a dança do ventre sofre preconceito vindo de um público que não conhece a história. Esse tipo de comportamento é uma consequência da ignorância. O ser humano tem muito o hábito de julgar, de criticar e comentar sem ser conhecedor, faz parte da nossa essência. Se hoje abrímos as redes sociais, vemos que toda a gente dá opiniões sobre tudo, toda a gente é doutorada para falar de política, da meteorologia, de relações, de desporto, de profissões, ou seja, não é só na dança, nós “Seres Humanos” comentamos tudo. Então, é estritamente importante pesquisarmos acerca dos assuntos, para os podermos debater da melhor maneira possível, e sabermos fundamentar opiniões centradas na realidade. A dança oriental, dança do ventre ou Raks Sharki (Dan-

ça do leste) será sempre vista como uma forma de arte pelos profissionais e adeptos. Um dos pontos principais em expor a dança para um público leigo é transmitir o amor e respeito por essa Arte.

- O que mudou entretanto no modo como o público vê esta modalidade?

As mentalidades vão-se abrindo, felizmente. E penso que, se hoje falarmos em dança oriental em Bragança, já não tem uma conotação tão negativa como há alguns anos atrás. O trabalho tem sido grande, mas os resultados também. Por três vezes conseguimos encher a maior casa de espetáculos da nossa cidade – o Teatro Municipal de Bragança – com o espetáculo “Reino Maravilhoso”, onde a dança oriental é a dança predominante. Para além disso, o trabalho das bailarinas que me acompanham tem sido reconhecido também em várias competições nacionais e internacionais.

A mudança tem acontecido, porque há muito trabalho por trás a ser feito.

- Em que momento a paixão pessoal se transformou num projeto público?

No momento em que me dediquei ao ensino da dança oriental. A partir desse momento assumi um papel de grande responsabilidade.

Como profissional da dança devemos ter conhecimentos a vários níveis: História, Anatomia, ética, geografia, religião, enfim. Ensinar é uma das sensações mais belas que existe. É fascinante abrir horizontes e mostrar um mundo até então desconhecido para muita gente. No entanto, a atualização tem de ser uma constante na vida de quem ensina. A aprendizagem constante é necessária. Se assumimos um papel perante a sociedade, então esse papel deve ser feito da melhor maneira possível, dando sempre o nosso melhor.

Como se constituiu o grupo de dança?

O grupo formou-se com alunas que iniciaram a aprendizagem da dança no Clube Académico de Bragança. No ano de 2012 forma-se o grupos Bellydance Júnior e Kyahara Bellydance Ballet. Em 2016, fizemos a fusão para um grupo único que passaria a chamar-se Kyahara Bellydance. Apenas as idades nos separavam, e, a partir de uma determinada altura, achamos que não faria muito sentido haver dois grupos, quando na realidade sempre fomos um só.

- Há alguns episódios relevantes na mudança que ocorreu entretanto?

Penso que o episódio mais relevante, e que mostra essa

mudança de mentalidades, é a aceitação do projeto “REINO MARAVILHOSO”, por parte da Autarquia, do Teatro Municipal de Bragança e dos próprios cidadãos que compram os bilhetes para assistir ao espetáculo. A Dança Oriental é aceite na melhor e maior casa de espetáculos de Bragança, onde participam grandes artistas nacionais e internacionais, assim como grandes Companhias de Dança e Teatro.

O REINO MARAVILHOSO é um espetáculo de grande complexidade, onde tudo é preparado atendendo aos mínimos detalhes, para além disso, é uma estreia absoluta, porque é naquele dia de estreia única que todos os bailarinos e técnicos ficam a conhecer todo o espetáculo. Na verdade, ele fica todo o tempo apenas na cabeça de quem organiza. Só a organizadora tem uma visão absoluta do espetáculo, o que, de certa forma, reconheço que possa assustar os restantes bailarinos. Mas é algo que é de todo impossível de acontecer, porque não somos uma companhia única. São bailarinos diversos, de diferentes tipos de dança, de diferentes cidades ou países, e unidos para realizar algo, que deverá parecer para o público que assiste, como um espetáculo de uma companhia só. O REINO MARAVILHOSO foi, certamente, o grande impulsionador, e que fez a

CRONOLOGIA

(Organização cronológica da história deste grupo e da participação em diversas iniciativas)

No ano de 2012, nascem na cidade de Bragança dois grupos de Dança Oriental de nome Bellydance Júnior e Kyahara Bellydance Ballet, orientado pela bailarina Kyahara Yasmin. Em 2016 estes unem-se e passam a formar o grupo de dança Kyahara Bellydance.

Competições

As bailarinas têm vindo a demonstrar um trabalho de excelência nas principais cidades do país. São detentoras de vários prémios nacionais e internacionais, nomeadamente o 2º lugar na Mostra de talentos 2014 em Lisboa; o 1º lugar na categoria Solo Infantil no East Fest Lisbon 2014; o 1º Lugar na categoria Duo Intermédio Fusão de Estilos no Norte Festival de Dança 2015 no Porto; o 1º Lugar na Categoria Solo Juvenil no East Fest Lisbon 2015; o 2º Lugar Grupos no East Fest Lisbon 2015; o 2º lugar Categoria Solo Intermédio Fusão de Estilos, no Norte Festival Dança 2016; o 1º Lugar na Categoria Dúo Intermédio Fusão de Estilos, no Norte Festival Dança 2016; o 1º Lugar na Categoria Grupo Intermédio Fusão de Estilos, no Norte Festival Dança 2016; 3º Lugar Grupos no Oriental Dance Weekend 2018, em Lisboa; o 3º lugar na categoria Grupos, no Festival de Dança “Muzalat 2018”, em Madrid; o 1º Lugar na categoria Solo Amador, no Festival de Dança “Muzalat 2018”, em Madrid; o 2º Lugar na categoria Solo Amador, no Festival Internacional de Gijón, o 1º Lugar na categoria Solo Avançado, no Festival Internacional de Dança de Gijón; o 1º Lugar, na categoria Grupo Clássico, no Festival Internacional de Dança Oriental de Gijón. Organização de espetáculos 1º Festival de Dança Oriental do Nordeste – SAHARA (2013), na praça Camões em Bragança; Espetáculo de Dança “O REINO MARAVILHOSO” – O Fantástico Mundo da Disney (2015), no Teatro Municipal de Bragança; Espetáculo de Dança “O REINO MARAVILHOSO” – O Mar e os seus segredos (2017), no Teatro Municipal de Bragança; Espetáculo de Dança “O REINO MARAVILHOSO” – A magia do Cinema (2018), no Teatro Municipal de Bragança.

mudança de mentalidades na nossa cidade.

- O que é que a dança nos dá que outra arte não pode dar?

Cada um falará da sua Arte, como se ela fosse única. A dança é uma das três principais artes cénicas da antiguidade, ao lado do teatro e da música. Para mim, ela é um misto das três, uma vez que dançamos ao som da música e interpretamos uma personagem quando dançamos. É como se entrássemos num mundo diferente. É uma sensação incrível, a dança consegue transmitir o que tantas vezes não conseguimos descrever por palavras. Por vezes, os sentimentos são tão intensos, que chega a ser difícil controlar as emoções. Mas é isso que apaixona o público, é isso que faz o público viajar e envolver-se. E a dança tem esse poder.

- Quantas bailarinas existem neste momento em Bragança?

Não posso considerar um determinado número, porque é algo que varia sempre todos os anos. Como eu digo, as alunas vão e vêm, mas sempre ficam. Ficam, porque há sempre um elo que nos une. Por mais longe que possam estar, há sempre aquela ligação impossível de quebrar. Tenho alunas que estão comigo desde muito novinhas. No entanto, durante o ano anterior e este ano, uma parte significativa entrou na fase de acesso à universidade, e, como é óbvio, têm de partir para outras cidades, porque a sua vida continua. No entanto, tenho a certeza que sempre que lhes propuser algo, posso contar com elas.

- Sabemos que têm participado em diversas competições – nacionais e internacionais – e que têm recebido diversos prémios. Que momentos gostariam de destacar?

As competições são importantes. Os prémios nem tanto. É um enorme orgulho levar o talento de Bragança a outras cidades, e ainda mais além-fronteiras. Todos os momentos são especiais, contudo, por algum motivo, gostaria de destacar a primeira vez que o grupo ganhou um prémio, que foi, em Lisboa, na “Mostra de Talentos”, em 2014. A primeira vez é sempre marcante. Não quero com isto dizer que os outros prémios sejam menos

importantes, nada disso, mas relembro este momento com muito carinho. Para além do anterior, gostaria de destacar outro prémio mais recente: o prémio que ganhei, juntamente com a Inês Maltez, o ano passado em Lisboa. A Inês é minha filha. Já dancei várias vezes com ela, mas foi a primeira vez que o palco foi apenas nosso. Então a magia apoderou-se daquele palco e as emoções de viver aqueles momentos juntas foram muitas e inexplicáveis. Nestas competições de dança as avaliações são feitas por um prestigiado júri nacional ou internacional. Mas na maior parte das vezes é Internacional. Para crescer na dança, é necessário sair da zona de conforto. Competir é propormo-nos evoluir e superarmo-nos. É importante ter contacto com outras realidades, é importante a participação nestas competições porque há bailarinas de várias zonas do país e de diferentes partes do mundo. Então, serve também para as alunas fazerem uma avaliação do seu trabalho e do seu progresso enquanto bailarinas. Para além disso, permite-lhes avaliar também o trabalho da professora que as acompanha e orienta.

Questões colocadas às restantes bailarinas

- O que significa para vós a dança oriental?
- O que sentem quando dançam e quando pisam o palco?
- Como avaliam o vosso papel na divulgação desta modalidade e na forma como ela é olhada?
- Que mensagem gostariam de deixar aos vossos colegas?

Joana Ferreira, 28 anos

1. Para mim, a dança do ventre é uma herança egípcia que, ao contrário de outras heranças dos antepassados, está ainda hoje ao alcance de todos os que a ela se dedicarem sem julgamento e com respeito. É como uma porta que se abre onde tem uma sala com imensas janelas... E isso tornou-se uma grande paixão.
2. Quando piso o palco sinto sobretudo o poder do que é deter todos os conhecimentos já assimilados nesta dança com tanta história.
3. Sinto que hoje em dia ainda existe uma confusão sobre o que é a dança oriental. E as pessoas acabam por ainda reagir numa espécie de metáfora do que teriam sido os navegantes há uns anos atrás quando chegaram ao Egipto. Há ainda toda uma magia em volta desta dança que é preciso preservar, mas ao mesmo tempo desmistificar algumas questões erradas sobre esta dança e que comprometem a herança cultural deixada pela mesma.
4. Quem quiser aprender esta dança deve compreender que terá em suas mãos uma arte que faz parte da herança egípcia. Tem que haver muita paciência e dedicação porque ela é essencialmente composta por movimentos vibratórios, rotações, contrações e ondulações de diferentes partes do corpo ou do corpo como um todo. Toda a gente pode e terá uma experiência inesquecível para o corpo e mente.



Marta Afonso, 17 anos

1. A dança oriental é uma das danças mais antigas do mundo e foi nela que ganhei a paixão pela dança. É na dança oriental que expressei tudo o que sinto a partir de movimentos envolvendo o corpo. É nela que me sinto livre e feliz!
2. Bem, enquanto estou prestes a pisar o palco é uma série de sentimentos, predominando a alegria e algum nervosismo. Porém, quando estou no palco tudo passa e aquele é “o momento”. É no palco que partilho tudo o que estou a sentir e é onde sou feliz a fazer o que mais gosto.
3. Tento sempre divulgar a dança oriental tal como o merece. Infelizmente, este tipo de dança, em que podemos conhecer uma cultura diferente, conhecer melhor o nosso corpo e expressar as nossas emoções através da música e da dança, não é valorizado da forma que o merecia.
4. A dança oriental tem diversos benefícios, nomeadamente em termos da nossa saúde, do nosso estado de espírito e do nosso valor próprio. Podemos expressar-nos de uma forma diferente e sem dizermos nada, através de movimentos, espelhamos toda a energia que envolve o nosso corpo.



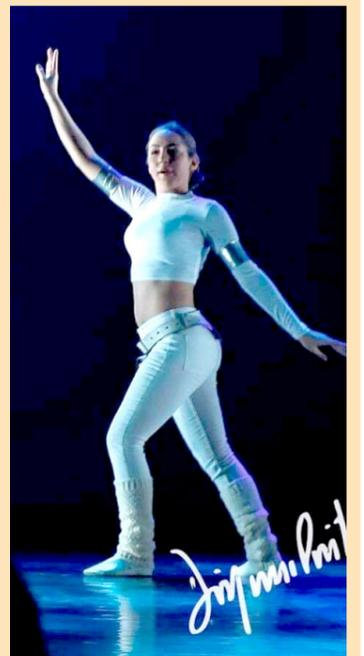
Anaísa Moreira, 17 anos

1. A dança é a combinação perfeita entre o desporto e a arte. Com a dança oriental aprendemos a usar o corpo como forma de nos expressarmos como quisermos, de forma livre. Assim, acabamos por nos conhecer melhor a nós próprias e cria-se um sentimento de bem-estar.

2. Quando danço sou capaz de me abstrair do mundo real e entrar numa atmosfera à parte. São momentos em que consigo demonstrar aquilo que por vezes não se diz por palavras. Já no palco, a sensação de poder partilhar uma paixão com o público é ótima. É o momento em que todas as horas de treino se reúnem num espetáculo. O ambiente é muito bom, porque o público e o bailarino se juntam pela dança.

3. A dança oriental não é das mais conhecidas em Portugal, mas sinto que tem vindo a ganhar destaque. Enquanto bailarina é importante que divulgue esta modalidade. Acho que a maioria das pessoas olha para ela com curiosidade.

4. É essencial praticar desporto e um dos mais agradáveis é sem dúvida a dança. Por isso, acho que qualquer pessoa interessada deve experimentar, sem vergonha. É um mundo completamente novo, onde podemos aprender com professores e outros bailarinos. Sobretudo, seguir sempre os nossos sonhos, que é algo que a dança nos permite.



Matilde Gomes, 17 anos

1. Penso que para uma de nós a dança oriental significa que é onde podemos ter um meio de comunicar com o nosso gosto e paixão pela dança, e, ao mesmo tempo, criar amizades que se têm vindo a tornar cada vez mais fortes.

Assim, todas juntas criamos momentos únicos e divertidos que proporcionam um ambiente muito agradável para todas.

2. Em todas as atuações, os nervos estão sempre presentes, obviamente. Porém, quando piso o palco, todo o trabalho e dedicação se resume a um momento de alegria e conexão com a música comigo mesma, com quem também estou a dançar e com o público. No fim, quase sempre dizemos que a coreografia e o momento em palco passou demasiado rápido, pois trata-se de um momento tão contagiante que nem sentimos passar o tempo.

3. Penso que o nosso papel é importante, porque este tipo de dança é olhado de forma diferente por ser fora do comum, é, em Bragança, somos o único grupo que a representa. Muitas vezes, participamos em concursos de renome onde somos o único grupo de dança oriental, e, efetivamente, conseguimos, por vezes, ganhar prémios e assim divulgamos o nosso estilo de dança, a nossa cidade e o nosso trabalho.

4. Gostaria de dizer aos meus colegas que façam sempre aquilo que os faz feliz e que, se quiserem, serão bem-vindos em fazerem parte desta nossa arte, pois estarão a experimentar algo novo e diferente.



Ana Filipa Santos, 18 anos

1. Apesar de atualmente já não praticar, a dança oriental continua a fazer parte da minha vida e tem um cantinho guardado no meu coração.

2. Adrenalina, felicidade e que pertenço ali.

3. A dança, no geral, é um pouco desvalorizada no nosso país, então sinto que quem a pratica, fá-lo não só porque ama o que faz, mas também como uma forma de promover a dança e mostrar que também é importante para o nosso país.

4. Luta, treina e dança com o coração. O mais importante é o que sentes enquanto danças e não o que os outros vêem.



Dance, pela sua saúde

Em 1982, a UNESCO definiu o dia 29 de abril como o dia Mundial da Dança, o que revela bem a sua importância para o Homem. Tendo começado por ser uma forma de comunicar, esta arte foi evoluindo. Nas civilizações antigas, a dança serviu para comunicar, sendo primeiramente utilizados especialmente os pés e depois também as mãos. Em algumas tribos, a dança servia para comunicar com os deuses, sendo muitas das vezes utilizada em rituais para invocar elementos da natureza, tais como a chuva ou o sol.

Carolina Batista e Inês Oliveira, 8^ºB

Hoje em dia, a dança é uma arte com a qual nos confrontamos frequentemente, mesmo fora dos ambientes específicos, como nos anúncios publicitários, ou nos videoclipes musicais. Até Fortnite, o videogame conhecido mundialmente, recorre a passos de dança para troçar do adversário.

Há vários tipos de dança, podendo considerar-se pontos comuns a expressão do estado de espírito, a narração de uma história e o propósito de comunicar. A popularidade desta arte pode justificar que muitos países e regiões têm uma dança própria. Veja-se o caso de Portugal: o bailinho da Madeira; o Vira do Minho, o Fandango do Ribatejo ou os pauliteiros de Miranda do Douro.

Em Trás-os-Montes, os pauliteiros demonstram a relevância do folclore da região. que consiste num grupo de homens vestidos com trajes típicos e

palotes que executam passos de dança enquanto batem com os paus uns nos outros. Em Bragança, as pessoas têm oportunidade para praticar dança como por exemplo no conservatório de música e dança, onde se pode praticar ballet clássico e contemporâneo, e ainda existem grupos de kizomba, dança do ventre e danças de salão entre outras modalidades.

A dança tem muitos benefícios a vários níveis e pode ajudar-nos na nossa saúde e bem-estar. A nível físico, aumenta a flexibilidade e reduz a rigidez, melhora a coordenação, agilidade e flexibilidade, e ajuda a manter um peso estável e saudável. Também existem benefícios a nível psicológico: aumenta a autoestima e autoconfiança, ajuda na socialização, melhora o humor, diminui a depressão e aumenta a energia. Considera-se, por isso, que tem benefícios

na área da saúde, pois, além dos aspetos referidos, fortalece o sistema muscular, diminui a probabilidade de desenvolver osteoporose, ajuda a manter a saúde cardiovascular e cerebral, melhora a coordenação motora, ajuda a manter uma postura direita, os ossos mais fortes, reduzindo o risco de osteoporose, ajuda os pacientes que sofrem da doença de Parkinson, e, segundo um estudo, o exercício aeróbico pode reverter a perda de volume no hipocampo, a parte do cérebro que controla a memória.

Vale a pena procurar a modalidade que se adequa a si e começar a praticar.

A dança e a alma

**A dança? Não é movimento súbito gesto musical
É concentração, num momento,
da humana graça natural**

**No solo não, no éter pairamos,
nele amaríamos ficar.
A dança-não vento nos ramos
seiva, força, perene estar
um estar entre céu e chão,
novo domínio conquistado,
onde busque nossa paixão
libertar-se por todo lado...**

**Onde a alma possa descrever
suas mais divinas parábolas
sem fugir a forma do ser
por sobre o mistério das fábulas**

Carlos Droumond de Andrade



Dissertações sobre o movimento

O movimento foi uma das áreas do conhecimento que a curiosidade do Homem sempre sentiu necessidade de satisfazer. O termo Cinemática deriva da palavra grega kinema, que significa movimento. Esta área da física estuda o movimento dos corpos. Os gregos também se preocuparam com as causas do movimento e o que provoca as mudanças de repouso para movimento e vice-versa, ou as mudanças de direção de um corpo em movimento. Esta área da Física denomina-se Dinâmica e deriva de dynamis, que significa força.

11ºA, Física e Química
Manuel Cordeiro (orient.)

Aristóteles concebeu uma teoria do movimento, cuja explicação adaptava a cada situação. O voo de uma pedra ocorre porque esta é empurrada por vórtices, que existem no ar, atrás da pedra. Uma quadriga é mantida em movimento devido ao esforço dos cavalos que a puxam.

Em meados do século XVII Galileu e depois Newton, perceberam os efeitos do atrito que a atmosfera e o solo exerciam e substituíram a visão de Aristóteles pela oposta. O ar dificulta o movimento da pedra e esta voa ainda melhor no vácuo. A quadriga, no gelo, não necessita do esforço dos cavalos para se manter em movimento. O movimento prossegue, a menos que seja interrompido por um esforço (força). Esta foi uma das maiores mudanças de paradigma da Ciência.

Para se estudar o movimento é fundamental o conceito de referencial: conjunto de elementos que formam um sistema de referência ou sistema de coordenadas. Uma pessoa viaja de comboio, sentada, pensativa, a apreciar a paisagem. Esta pessoa está em movimento? A resposta depende do referencial. Se o referencial for uma árvore da paisagem, a pessoa está em movimento, porque há variação de posição.

Se o referencial for a janela, do comboio, está em repouso, porque não houve variação de posição, relativamente à janela. Imagine o leitor outra situação: o com-

boio passa por uma estação e nesta está sentado um utente. No instante em que o passageiro passa à frente do utente, abre a janela e deixa cair uma folha de papel amarrotada. O que acontece à folha? A resposta volta a depender do referencial. Relativamente ao utente que está sentado na estação a folha movimenta-se para a frente, com uma trajetória em forma de parábola.

Se o referencial for o passageiro que viaja no comboio, a folha movimenta-se para trás. Nesta situação o atrito prega-nos uma “pequena” partida!

Outro exemplo: se dois carros chocam frontalmente, a força da colisão depende da velocidade dos dois. Se os dois carros circularem a 20 Km/h, a velocidade que colide, um relativamente ao outro, é de 40 km/h e a força envolvida na colisão, não duplica, mas quadruplica. Daí a gravidade das colisões frontais.

O observador que estuda o movimento deve basear-se num referencial, a partir do qual realiza as medições que considera necessárias. Quando um corpo muda de posição, relativamente ao referencial escolhido, pode-se medir e caracterizar a variação de posição. A esta grandeza chamamos deslocamento.

Como podemos verificar se o deslocamento foi lento ou rápido? Imagine o deslocamento de 10 m percorrido por um caracol, ou por uma criança. A intuição que temos é a criança ser mais rápida, mas como poderemos demonstrar que estamos a pensar corretamente? A fórmula que usamos intuitivamente é:

$$\vec{v}_m = \frac{\Delta \vec{x}}{\Delta t}$$

em que: \vec{v}_m é a velocidade média;
 $\Delta \vec{x}$ é o deslocamento, neste caso 10 m;
 Δt é o tempo necessário para realizar o deslocamento.

Usando um cronómetro e muita paciência (!) medimos o tempo necessário para o caracol percorrer o deslocamento de 10 m. Depois repetimos o procedimento para a criança. Como o caracol demora muito mais tempo, a sua velocidade média é muito mais baixa que a da criança.

Verificámos que a velocidade depende do deslocamento, mas também do tempo necessário para o realizar.

A velocidade média permite-nos adquirir conhecimento sobre os nossos movimentos, contudo fragmentado, visto que num deslocamento raramente conseguimos manter o valor da velocidade constante.

Os velocímetros, dos carros, medem o valor da velocidade instantânea. Esta é a velocidade a que o carro se encontra num determinado instante, ou seja quando o intervalo de tempo é muito pequeno, no limite infinitamente pequeno – um instante! A fórmula matemática é muito intuitiva e semelhante à anterior:

$$\vec{v} = \lim_{\Delta t \rightarrow 0} \frac{\Delta \vec{x}}{\Delta t}$$

Esta fórmula aproxima-se da noção de derivada, fundamental para o surgimento do cálculo infinitesimal, a ferramenta mais potente e eficaz, desenvolvida pelos matemáticos, para o estudo da natureza. O cálculo infinitesimal tem, na sua origem, a mais famosa disputa da Ciência. Newton e Leibniz lutaram pela primazia da descoberta de forma tão violenta e encarniçada, que envolveram grupos de influência e a diplomacia dos respetivos países. Foi esta disputa que motivou a elaboração do procedimento para resolver futuras situações de impasse relativamente à autoria de artigos científicos.

Se continuarmos com o exemplo do carro, apercebemo-nos que carregando no acelerador a velocidade aumenta e experimentamos a aceleração. Este conceito, que experimentamos todos os dias, não é mais do que a variação da velocidade num determinado intervalo de tempo.

Muitas decisões diárias estão baseadas na nossa intuição da velocidade. Há, no entanto, conceitos um pouco mais abrangentes e úteis, como o de momento

linear, cuja fórmula se apresenta a seguir:

$$\vec{p} = m \cdot \vec{v}$$

em que: \vec{p} é o momento linear;
 m é a massa de um corpo;
 \vec{v} é a velocidade a que um corpo se desloca.

O momento linear explica porque é mais violento o embate de um adulto do que uma criança, quanto um carro choca frontalmente com um obstáculo. Ambos têm a mesma velocidade, no entanto, como o adulto tem mais massa, o seu momento linear é maior. As companhias de seguros confirmam esta fórmula matemática, baseando-se nas estatísticas dos acidentes.

Quando andamos de mota, de verão, sentimos os braços e as pernas picados por insetos, pois colidimos com eles a uma velocidade tão grande que faz com que o momento linear seja alto. A massa dos insetos parece-nos desprezável, contudo, neste caso é a velocidade que aumenta o valor do momento linear.

Um vaivém espacial ao reentrar na atmosfera atinge os 25000Km/h. Nesta situação, até as partículas, invisíveis, da atmosfera causam mocha, pois apesar da sua ínfima massa, a velocidade, relativamente ao vaivém, é enorme, assim como o seu efeito no momento linear. A temperatura na zona frontal do vaivém, aquando da reentrada na atmosfera, atinge os 8000°C!

Com estes exemplos quisemos mostrar a evolução do conceito de movimento e realçar o trabalho de grandes cientistas, para melhorar o conhecimento do universo.

“Toda e qualquer fonte de movimento no mundo, seja uma pessoa, seja uma coisa, seja um pensamento, é um “motor movido”. Dessa sorte, o arado move a terra, a mão move o arado, o cérebro move a mão, o desejo de alimento move o cérebro, o instinto da vida move o desejo de alimento, e assim por diante. Em outras palavras, a causa de todo movimento é o resultado de outro movimento qualquer, o amo de todo escravo é escravo de algum outro amo. O próprio tirano é escravo de sua ambição. Deus, no entanto, não pode ser resultado de nenhuma ação. Não pode ser escravo de amo nenhum. É a fonte toda a ação, o amo de todos os amos, o instigador de todo o pensamento, o “motor não movido do mundo”.

Aristóteles

Eu consigo calcular o movimento dos corpos celestiais, mas não a loucura das pessoas.
Isaac Newton

**hoje fiz um movimento louco dentro do meu sonho
hoje fiz um movimento louco dentro do meu sonho
voce ja saiu algum dia da casa do pai
esse e o som e voce e a mulher que eu sou
a minha primeira visao da terra
tinha cortina de agua
nao me lembro de perfume,
nao me recordo de frio nem calor
voce ja viu uma mulher derramando
lagrimas pretas na face
lagrimas pretas enormes
lagrimas pretas
nao fique assustado ao ver a mulher
pintada chorando lagrimas pretas
eu amo tanto
refrao
hoje fiz um movimento louco dentro do meu sonho
hoje fiz um movimento louco dentro do meu sonho**

Adriano Correia de Oliveira

“The aura of my city”

Quarta LTTA – Sofia, Bulgaria

“The aura of my city” - Quarta LTTA – Sofia, Bulgaria
10 a 16 de março 2019

Depois de Lentini, Bragança, e Piaseczno, chegou a vez de, no âmbito do projeto Erasmus+ “The aura of my city”, os alunos do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal conhecerem a “aura” da cidade de Sófia, na Bulgária.

Lara Silva, Soraia Silva - 10ºC
António Luís

Com a bagagem apinhada de expectativas, os quatro alunos, acompanhados por três professores, partiram, na madrugada de domingo, deixando ficar para trás alguma ansiedade. Afinal, para alguns deles, era a primeira vez que “iam para tão longe”, e durante tanto tempo, sem os pais!

Após os primeiros quilómetros percorridos, as conversas já expressavam o entusiasmo do (re)encontro com os colegas búlgaros, italianos e polacos, alguns dos quais tantas saudades tinham deixado aquando da sua visita à nossa cidade. Os alunos aproveitaram, também, a viagem para treinar a língua inglesa... e a búlgara! “Dobro utro” (bom dia), “merci” (obrigado) e outras palavras eram já dominadas na perfeição pelos alunos, o que mostrava que os contactos com os colegas búlgaros estavam a ter efeitos!

Prestes a chegar a Sofia, ainda no ar, eram tiradas as primeiras impressões à cidade. Rodeada de campos agrícolas, predominava a cor castanha. Mais colorida foi a receção dos colegas que nos esperavam no aeroporto de Sofia. Entre abraços e sorrisos, rapidamente os alunos foram acompanhados pelas respetivas famílias de acolhimento. Na manhã solarenga de segunda-feira, tivemos o primeiro contacto com a agitação da escola “119 Secondary School Academician Mihail Arnautov”, frequentada por alunos do 1.º ciclo ao ensino secundário. Após a receção pelo diretor, as escolas parceiras apresentaram os respetivos países, sistema educativo, cidade e escola. Foi aqui que nos apercebemos, entre outras coisas, que Sófia tem uma tradição muito semelhante

aos nossos Caretos: os kukeri, bailarinos mascarados que, no período do carnaval, chocalham as pessoas.

A “Martenitsa” foi outra tradição com que pudemos conviver. A martenitsa é uma pequena peça de adorno típica da Bulgária, no formato de pompom feita com fios vermelhos e brancos, que são oferecidas aos amigos e parentes logo antes da chegada da primavera. Podem ter o formato de bonecos: Pizho e Penda. Pizho é branco e masculino, enquanto Penda é vermelho e feminino. Na crença dos antepassados, as martenitsas serviam para afastar os males que vinham com o inverno. A cor branca significa a neve que se vai, e o vermelho representa o sol que está a chegar.

No dia 1 de março, as pessoas prendem as martenitsas que receberam no pulso, como pulseiras, ou com alfinetes à roupa. A ideia é que a martenitsa, quando usada, acalme os ânimos de Baba Marta, uma figura importante do folclore da Bulgária. A ideia é deixá-la feliz, fazendo com que ela leve o inverno e permita que a primavera chegue, trazendo saúde, felicidade, prosperidade e fertilidade. A martenitsa só deve ser retirada quando a pessoa que a usa avistar a primeira cegonha da nova estação. Depois de retirada do pulso ou da roupa, a martenitsa é amarrada num ramo de árvore, para que ela proporcione à planta a mesma saúde e sorte que proporcionou à pessoa que a usou.

Os alunos e os professores tiveram a oportunidade de fazer as suas próprias martenitsas.

Na visita guiada feita à escola dois aspetos chamaram a nossa atenção: um, a juventude do corpo docente, outro, a distribuição das salas por disciplina, ou seja, cada disciplina tem uma sala exclusiva: a sala de línguas, a sala de literatura, a sala de geografia, a sala de história...

Esta quarta LTTA teve como tema central as tradições dos países parceiros, nomeadamente as danças tradicionais, naturalmente, trabalhadas com a realidade aumentada. Esta tecnologia foi utilizada para a realização de uma caça ao tesouro no parque da cidade, através da qual os alunos puderam conhecer

alguns dos poetas da Bulgária.

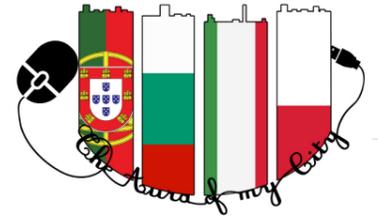
Após as emoções do primeiro dia, chegou a altura de ficar a conhecer as danças tradicionais dos parceiros. Portugal levou a tradicional “dança dos pauliteiros”, dança que despertou a curiosidade de todos os participantes. Para isso, muito contribuiu o facto de o Rodrigo se ter vestido a rigor, o que deu origem a uma sessão de selfies! Após a apresentação de cada uma das danças, dos seus significados e história, chegou a altura dos ensaios. Cada país ensinava aos restantes os principais passos das respetivas danças. Foram momentos de partilha, aprendizagem... e divertimento!

Após horas e horas de treino... chegou o momento da apresentação das danças! Da apresentação de cada uma das danças foi realizado um vídeo. Este vídeo serviu como overlay da aura (objeto de realidade aumentada) realizada com o objetivo de mostrar, nas respetivas escolas, as danças tradicionais de cada país parceiro. A imagem trigger era uma letra que faz parte da palavra búlgara _____ (Sófia), também construída pelos alunos.

A equipa portuguesa escolheu a letra “C”, e podem ver o resultado da aura na entrada da Escola secundária Abade de Baçal – ali mesmo juntinho ao ¼ do quadro da Graça Morais!

Naquela semana multicultural trocaram-se valores e tradições onde se puderem experienciar danças tradicionais dos quatro países. Também nesses cinco dias se puderam saborear a comida tradicional búlgara, como a sopa de alho e iogurte, visitaram-se museus e igrejas, passeou-se por Sófia e Plovdiv, as duas maiores cidades da Bulgária. Assim, os alunos e professores estiveram em contacto com a língua inglesa e búlgara.

Fantástica e inspiradora, foram algumas palavras utilizadas pelos participantes para descrever esta atividade.



Erasmus+ invade Agrupamento Abade Baçal recebe alunos europeus



O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal recebeu, no passado mês de fevereiro, cerca de cinquenta alunos da Grécia, Chipre, Turquia, Bulgária, Itália, Espanha e Hungria, do secundário e do 3º ciclo, que transformaram por completo, ao longo de uma semana, a rotina habitual da Escola Abade Baçal.

Rui Gonçalves

Os alunos reunidos na escola sede do Agrupamento integravam dois projetos diferentes, para níveis de ensino também diferentes. “Let’s Use Energy Usefully” é o nome do projeto que trouxe a Bragança alunos do Instituto Tecnico Tecnologico G. Malafarina, Itália; Profesionalna Gimnazia po Targovia i Restoranyorstvo, Bulgária; Carsamba Anadolu Kiz Imam Hatip Lisesi, Turquia; Nyíregyházi SZC Vásárhelyi Pál Építőipari és Környezetvédelmi-Vízügyi Szakgimnáziuma, Hungria, um projeto para alunos do secundário que se preocupa, principalmente, com o uso inteligente da energia e com as energias renováveis.

Os alunos, além de visitarem a cidade nordestina e os seus principais equipamentos culturais, viajaram também até à cidade do Porto, onde puderam observar a produção de energia a partir de resíduos orgânicos, na LIPOR, visitaram a barragem de Miranda do Douro e viram, ainda, a produção de energia eólica, na Serra de Bornes.

De Ioanina, na Grécia, o Evdomo Gymnasio Ioanninon, de Espanha, Madrid, o Colegio Manuel Bartolomé Cossío, e do

Chipre, Lanarca, o Gymnasium Aradippou, vieram os alunos do 3º ciclo, que se juntaram aos alunos brigantinos, para cumprir as atividades do projeto “Relationships, Society, Tolerance and Respect 4U”. Estes alunos, além de uma visita ao Porto, visitaram algumas IPSSs da cidade e desenvolveram outras atividades na Escola.

A semana decorreu de forma muito proveitosa para todos os alunos, que desenvolveram muitas competências ao nível da comunicação em inglês, entre outras, e puderam, ainda, viver uma semana de trabalho com a mais-valia e a novidade de aprender com outros alunos e de forma diferente, pelo que a experiência se constituiu como muito positiva para todos, professores incluídos.

Os alunos dos dois projetos foram ainda recebidos na Câmara Municipal de Bragança e, os alunos do secundário, visitaram o edifício principal deste organismo, ficando a conhecer todas as valências de um edifício autossustentável energeticamente, aproveitando a energia solar.

Ao longo do próximo ano, os alunos portugueses visitam os países dos alunos de que foram anfitriões, para dar seguimento aos projetos que se afiguram como verdadeiras oportunidades, pois possibilitam que os alunos visitem países diferentes, aprendam de maneira diferente e sem quaisquer custos.



Nyíregyházi a grande planície húngara Abade Baçal visita Budapeste



Um grupo de alunos da Escola Abade Baçal visitou, no passado mês de abril, a cidade de Nyíregyházi, no interior da Hungria, bem junto às fronteiras da Roménia e da Eslováquia, em mais uma mobilidade do projeto Erasmus + “Let’s Use Energy Usefully”.

Rui Gonçalves

João Vítor, do 12º C, Marta Alves, 11º B, Sónia Chen, Catarina Alexandre e Cláudia Gonçalves, do 11º B1, e Rodrigo Paredes, 11º ACP, foram os alunos que integraram a comitiva brigantina, acompanhados pelos professores João Ortega e Rui Gonçalves. Em Nyíregyházi, a escola e os seus alunos e professores mostraram ser uns excelentes anfitriões, já que receberam as diferentes delegações com muito empenho e atenção, deixando antever a ideia de que na Europa central também existem países acolhedores...

O ponto alto da mobilidade, que durou seis dias, foi a visita à capital húngara, Budapeste, a meio da mobilidade, onde todos os alunos do projeto puderam conhecer os principais pontos turísticos de uma cidade que ainda conserva indícios de tempos de outrora, carregados

de história e grandiosidade. Um desses exemplos é o Parlamento húngaro, um edifício imponente nas margens do também imponente Danúbio, percorrido durante um par de horas, num cruzeiro que foi uma experiência singular.

Em Buda, na margem “mais próxima” do Rio, o Castelo e o Bastião dos Pescadores, acessíveis a partir da Ponte das Correntes, foram os pontos altos, sobretudo pela vista sobre o outro lado da cidade, Peste, a mais densamente povoada e permanentemente cheia de bulício.

Ao longo da semana, em Nyíregyházi, uma cidade de média dimensão situada no meio de uma planície infinita quase exclusivamente verde e fértil, destacaram-se a receção na “City Hall” pelo presidente da cidade, que recebeu todo o grupo com muito entusiasmo e deu algumas informações acerca da região onde se realizou a mobilidade.

Além disso, a visita à região de vinho Tokaji, a umas escasas dezenas de quilómetros de Nyíregyházi, num dos raros momentos da semana em que a planície foi interrompida por algumas montanhas, e à vila com o mesmo nome, permitiu a todos um conhecimento da

Hungria profunda, preservada e sem o turismo de massas de Budapeste (mesmo tendo, ainda assim, algum turismo).

Alguns alunos e professores visitaram, ainda, já no final da mobilidade, a segunda cidade do país, Debrecen, já no limite da fronteira com a Roménia, mas ainda dentro da grande planície verde que parece ser a Hungria.

O grupo fez, também, um par de visitas a empresas e estruturas mais diretamente relacionados com a temática do projeto, a utilização eficiente e eficaz da energia, nomeadamente a estação de tratamento de águas residuais de Nyíregyházi, uma central de produção de energia de biomassa, em Szakoly, e uma barragem em Sonkád Kisbukó. Nessas visitas, destacou-se a ideia de que é muito importante encontrar estratégias para um futuro sustentável, que seja capaz de suprir as necessidades energéticas das populações, mas com impactos ambientais pouco significativos, garantindo as melhores condições para as gerações futuras.

A semana terminou com um jantar final de despedida onde os alunos e professores de Itália, Bulgária, Portugal, Turquia e Hungria puderam confraternizar num ambiente de grande festa e grande animação, num momento que confirmou o quão acolhedor foram os alunos e professores da Hungria.

Na despedida, muitos abraços e beijos, para um grupo que provavelmente não voltará a encontrar-se nos próximos tempos, mas que confirma que numa semana apenas boas amizades podem construir-se, amizades para recordar por toda a vida.



Diálogos entre culturas

David, Daniel e Sónia Chen são três irmãos nascidos em Portugal, de ascendência chinesa, que enriquecem a comunidade multicultural do Agrupamento Abade de Baçal, que frequentam desde o quinto ano, e a cidade que os pais escolheram habitar a partir de 2000, depois de outras experiências em Vila Real, Porto ou Miranda do Douro.

A frequentar três áreas distintas do 11º ano, Humanidades, Ciências e Artes, têm também sonhos e projetos distintos, mas que não excluem possíveis parcerias. Regressar à China não faz parte dos seus planos imediatos, mas não eliminam a possibilidade de se realizarem profissionalmente nesse país.

Para conhecer melhor a sua experiência entre duas culturas, foram convidados para uma informal conversa.

Entrevista conduzida por José Neves e João Lisboa - 11ºB /Fotografia: Clube de Jornalismo

Quando é que os vossos pais vieram para Bragança e por que razão escolheram esta cidade?

David - Os pais vieram para Bragança em 2000. O interesse surgiu por acaso, durante uma viagem em que passaram por aqui, mas também a escolheram devido a negócios familiares, como o restaurante do meu avô.

Daniel - Já tinham trabalhado noutros locais, como Miranda do Douro, Porto e Vila Real, mas não gostavam muito desses sítios e resolveram tentar a vida em Bragança. Gostaram e ficaram.

Como foi a adaptação à escola em Portugal?

Sónia - Foi um pouco difícil no início, sobretudo devido à dificuldade com a língua. Em casa até à entrada na escola, usávamos sempre o mandarim. Assim, à medida que aprendemos português, num curso para alunos estrangeiros que havia na Escola Augusto Moreno, foi-se tornando mais fácil.

Qual a língua que acham mais fácil? Mandarim ou Português?

Daniel - Mandarim

Sónia - Em termos de construção, pode parecer mais difícil, mas sabendo os símbolos iniciais, basta acrescentar poucos

elementos para construir frases. Claro que falar é mais fácil do que escrever.

Onde Viviam os vossos pais, na China?

David - Numa aldeia, Qing Tian, perto de Shang Gai.

Era muito diferente de Bragança?

Daniel - Sim, os meus pais dizem que havia muito mais gente, mais confusão e insegurança nas ruas. Bragança é mais calma, apesar de já se sentir alguma insegurança. Mas nada comparado com a China. Por exemplo, lá, os jovens, antes de entrarem para um táxi, tiram fotografia da matrícula e enviam aos pais para os taxistas saberem que estão identificados e que há pessoas que sabem que estamos a entrar nesse táxi.

Vamos à inevitável pergunta: o que distingue a gastronomia chinesa?

Sónia - Para começar, nós usamos muitas especiarias secas e desidratadas, portanto, os pratos são muito aromatizados. Depende da região, mas predominam os sabores picantes. Usamos bastantes melhores, como o de soja

Daniel - O arroz frito também é bastante frequent, bem como os noodles, variando os ingredientes que são adicionados aos



Nuno Cristóvão (professor coordenador)

mesmos.

David - Frango e porco são a base da gastronomia e são servidos com molhos de soja ou agridoce.

Sónia - Há ainda o hábito de uma “mesa comunitária”. O prato é comu e cada um vai-se servindo com os pauzinhos. Também gostaria de destacar os cogumelos desidratados, que são diferentes dos portugueses, o sabor e o cheiro são mais intensos.

Sónia - Também comemos muitos legumes desidratados. A minha avó disse-me que era um método de conservação tradicional muito usado ainda no presente. É o caso da carne seca que também é comida com acompanhamento de molhos.

E pratos favoritos?

Daniel - Eu gosto bastante dos pratos fritos. Temos um que é constituído por asas de frango fritas, ao qual adicionamos um molho espesso, doce ou picante, do qual eu gosto muito.

David - Também há outro que consiste em edacinhos de carne, parecidos com entremada, que é comido como molho de soja. O nome traduzido, seria “carne vermelha cozida”.

Sónia - Nos temos um prato muito diferente que consiste



num caldo que é colocado numa panela elétrica, que permanece ligada, onde vão sendo colocados diversos alimentos (peixe, carne), por cada pessoa, à medida que vai comendo. A técnica é semelhante à do “fondue”, em inglês designa-se por “HotPot”.

Alguma vez visitaram a China?

- Sim

O que recordam dos edifícios lá existentes?

David - Na nossa zona, a maior parte dos edifícios são antigos e, mesmo os que são renovados, mantêm os traços. Nós respeitamos muito a história.

“O cão não ladra por valentia, mas sim por medo.” (provérbio chinês)

Há muitos palácios imperiais.

Que aspetos vos parece que distinguem as famílias destas duas culturas tão diferentes?

Daniel - Tradicionalmente, as famílias são numerosas. Os meus pais tinham muitos irmãos, mas hoje isso vai mudar, porque o governo impôs medidas de restrição à natalidade. Aliás, foi um dos motivos que levou os meus pais a decidirem sair do país. Não concordo muito com a medida, mas reconheço que o excesso de população era um problema que



precisava de ser resolvido.

Sónia - Quando a filha casa, normalmente vai para casa do marido e fica a viver com os pais dele. Os filhos ficam na casa paterna.

E a religião?

David - Na China há várias religiões. Os nossos avós são budistas. Os templos budistas são muito famosos e abundantes na China. Um dos mais conhecidos é o de Sholin (na foto), que tem mais de 1500 anos e fica na cidade de Deng Feng.

Curiosidades sobre a China...

Daniel - O facto de se acreditar que os chineses são descendentes do Dragão - isto deve ter insprado o "Game of Thrones"...

Sónia - O ano Chines é diferente, portanto a passagem de ano é móvel... A muralha da China (na foto) é um símbolo único no mundo e suscita a curiosidade de muitas pessoas, que ficam impressionadas com a sua dimensão.

David - Há uma profecia de um conselheiro do rei que antes de morrer previu que no futuro o céu se encheria de teias e estaria em cima de touros de ferro. Acho que acertou, se tivermos

em conta a quantidade de fios elétricos existentes no ar e os carros que circulam nas estradas.

O futuro passa pela China? Daniel - Talvez eu volte. Nós andámos a aprender Mandarim, primeiro em Bragança e depois no Porto, onde vamos todos os domingos para ter aulas, e temos certificados da língua. Assim, se quisermos regressar à China, será mais fácil conseguir trabalho lá.

David - Eu acho que preferia ficar cá. Só ia à China em turismo. Mas como gostava de seguir o curso de Relações Internacionais, talvez passe por lá também em trabalho.

Sónia - Eu gostava de tirar o curso de arquitetura e regressaria à China, dado que me parecia que lá há mais trabalho nesta área.

Daniel - Eu gostava de ser engenheiro informático. Posso ficar cá ou fazer uma sociedade com a Sónia e ir para a China (risos).

“Se você quer manter limpa a sua cidade, comece varrendo diante de sua casa” (provérbio chinês)



República Popular da China

- maior país da Ásia Oriental, com mais de 1,38 bilhão de habitantes (um quinto da população da Terra).
- república socialista, governada pelo Partido Comunista da China
- vinte e duas províncias, cinco regiões autônomas (Xinjiang, Mongólia Interior, Tibete, Ningxia e Guangxi), quatro municípios (Pequim, Tianjin, Xangai e Chongqing) e duas Regiões Administrativas Especiais com grande autonomia (Hong Kong e Macau)
- capital: Pequim.
- 9,6 milhões de quilómetros quadrados
- paisagem variada: florestas de estepes e desertos no norte seco e frio, próximo da Mongólia e da Sibéria (Rússia), e florestas subtropicais no sul húmido e quente, próximo do Vietnam, Laos e Mianmar.

“Dê um peixe a um homem faminto e você o alimentará por um dia. Ensine-o a pescar, e você o estará alimentando pelo resto da vida.” (provérbio chinês)



Grécia, Espanha, Chipre e Portugal envolvidos numa missão possível



No âmbito do Projeto Erasmus+ Restore4U, a nossa Escola acolheu alunos e professores da Grécia, Espanha e Chipre, entre os dias 25 de fevereiro e 2 de março.

Esmeralda Gonçalves

Este projeto envolve alunos do 3º Ciclo, entre os 12 e 15 anos, e a vinda a Bragança constituiu a primeira de quatro mobilidades. As atividades desenvolvidas ao longo da semana encontravam-se subordinadas ao tema dos relacionamentos. Assim, além das visitas aos locais mais emblemáticos da nossa cidade, os alunos e professores deslocaram-se, ainda, ao Porto para uma sessão sobre a temática da mobilidade na Universidade Lusófona, navegaram no rio Douro entre as pontes da Arrábida e S. Luís e, finalmente, partiram à descoberta da história dos Descobrimientos portugueses no Museu “World of Discoveries”.

A semana e a mobilidade encerraram com o jantar de despedida durante o qual foram entregues os diplomas de participação.

Para os nossos alunos – dois da turma B do 7º ano, doze do 8º B e seis do 9º ano, turmas B, D e E – foi uma semana repleta de experiências novas, nomeadamente o facto de, em casa, terem um novo companheiro/a com o/a qual interagiram e lhes permitiu alargar horizontes, pelo menos no domínio da língua estrangeira.

A segunda mobilidade realizou-se na semana de 6 a 11 de maio, com a deslocação de alunos e professores a Ioannina, na Grécia, subordinada ao tema sociedade.

Após uma viagem muito longa – perto de 24 horas – fomos recebidos, pelas famílias de acolhimento e pelos professores, no aeroporto de Ioannina, uma cidade situada no norte da Grécia, com um lago natural e rodeada de montanhas, o que faz com que tudo esteja muito verde, pois

chove “apenas uma vez, começa no início de setembro e termina no fim de junho”.

A semana seguiu um guião muito preenchido: visitas a duas escolas, uma para alunos com necessidades especiais e outra para alunos que tinham abandonado os estudos, mas decidiram regressar à escola. Estando nós na Grécia, não podíamos deixar de nos deslocar a um dos “teatros” da Antiguidade, o teatro Dodoni, perto de antigos templos dedicados aos deuses Zeus, Démis, Hércules, Também pudemos deslumbrar a vista no Geopark de Vikos, com a cor do único rio grego sem poluição!

As danças também ocupam um lugar privilegiado na cultura grega. Assim, uma das nossas alunas envergou o traje do folclore de Zagori! Trata-se de um vestuário muito pesado e rico devido aos ornamentos!

A ilha de Corfu também foi objeto de uma visita durante um dia, após uma curta viagem de ferry-boat. Aí visitámos o palácio onde a imperatriz Elisabete, mais conhecida por Sissi, vinha restabelecer-se em razão dos seus problemas de saúde. Durante algumas horas também aproveitámos para percorrer as ruas pedonais ladeadas de lojas.

A semana encerrou com o jantar de despedida durante o qual todos dançámos, visto que os gregos aproveitam todas as oportunidades para organizarem uma roda onde todos dançam ao som da sua música típica.

O último dia foi dedicado à estadia com as famílias para as alunas e a uma visita a Meteora para os professores. As subidas íngremes até aos mosteiros foram compensadas pela vista deslumbrante e visita aos diferentes templos ortodoxos. Apenas uma pequena curiosidade: as mulheres tinham de vestir uma saia – disponível à entrada dos templos – sem a qual não podiam entrar nos locais de culto.



Domingo de manhã, despedimo-nos de Ioannina e dos nossos novos amigos!

“Esta foi uma semana cheia de emoções. Desde o primeiro momento com a família que me senti em casa. Pude conhecer novas culturas e conviver com pessoas diferentes. Houve momentos para rir e chorar; foi uma experiência que nunca na vida esquecerei.” (Sofia Correia)

“Descobri que a minha casa não é somente aqui, em Bragança. Descobri que “casa” é qualquer lugar no qual encontremos carinho e hospitalidade. Esse lugar foi a Grécia. Lá desfrutei de momentos incríveis e inesquecíveis, sem falar das amizades que permanecerão. A viagem permitiu-me encontrar uma nova casa.” (Maria Costa)



“Fazer esta viagem foi uma experiência inesquecível. Pudemos reencontrar velhos amigos e fazer outros tantos. Foi maravilhoso poder conhecer novas culturas, novos lugares e novos estilos de vida. Regresso a Portugal com um monte de boas memórias e sendo que tenho agora uma família maior.” (Ana Vicente)

“Esta foi, certamente, uma das melhores experiências da minha vida. Para além do encontro com novas culturas, fizemos amigos que ficarão para a vida. A família foi muito acolhedora e afeiçoámo-nos muito uns aos outros. Espero que, futuramente, possa rever estas magníficas pessoas. Foi uma ótima experiência que desejo repetir.” (Mariana Torrão)

“Uma das melhores experiências da minha vida. Tive a oportunidade de fazer novas amizades, conhecer novas culturas e novas gastronomias. Fui bem recebida pela família que me acolheu. Uma experiência a repetir, certamente.” (Daniela Monteiro)

“Esta semana foi simplesmente espetacular em todos os aspetos. Tivemos a oportunidade de visitar outro país, de conhecer mais sobre novas culturas e de aprender muitas coisas novas. O acolhimento que recebemos na Grécia, tanto pelas famílias quanto pelos professores e alunos foi incrível. Sentimo-nos realmente em casa! Eu só tenho a agradecer a oportunidade promovida pelas escolas, o carinho e respeito com que fomos tratadas durante a nossa estadia na Grécia e durante a viagem.” (Hannah Valim)



¡Hemos ganado!

Los alumnos del 11º ano, grupo B, B1 y C de Español han participado en el Concurso artístico para la conmemoración del 500 aniversario de la primera vuelta al mundo, produciendo un video dónde retrataban la vuelta al mundo hecha por Magallanes.

El jurado del concurso ha deliberado y el Agrupamento de Escolas Abade de Baçal ha ganado el segundo premio en su

categoría. Los alumnos podrán disfrutar de un día en el Parque Isla Mágica en Sevilla.

¿Cómo hemos construido el video? Después de debatir que iríamos hacer y cómo, empezamos nuestra pesquisa sobre el viaje.

La expedición de Magallanes tenía la intención de abrir una ruta comercial con las islas de las especias por occidente, buscando un paso entre el océano

Atlántico y el océano Pacífico. Estaba formada por cinco naves que partieron de Sanlúcar de Barrameda el 20 de septiembre de 1519. Exploraron durante meses el litoral americano al sur de Brasil y lograron cruzar el estrecho, que después se apellidó de Magallanes en el 21 de noviembre de 1520. Navegaron por el Pacífico y llegaron a las islas Filipinas, donde, el 27 de abril de 1521, muere Fernando

Carla Santos



de Magallanes. Los expedicionarios continuaron la navegación hasta las islas Molucas, objetivo de su viaje, donde eligieron a Juan Sebastián Elcano para capitanear el viaje de regreso. Navegando hacia el oeste por el océano Índico y dando la vuelta a África, el 6 de septiembre de 1522 la Victoria, única nave que quedaba en la expedición, retornó a Sanlúcar de Barrameda con su carga de especias,

convirtiéndose en la primera embarcación de la historia en dar la vuelta al mundo.

Después de la búsqueda, hemos empezado a filmar, utilizando un mapa mundo e imágenes de varias situaciones. Podéis ver el video que se encuentra en el portal del Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.



Semana de las lenguas extranjeras

Entre el 1 y 5 de Abril se ha celebrado en nuestro Agrupamento la Semana de las Lenguas Extranjeras. Los alumnos de español han hecho varios trabajos que han sido expuestos en un aula en la Escuela Abade de Baçal y en la Escuela Augusto Moreno. Había trabajos sobre ciudades españolas, carteles sobre personas importantes que hablan español y muchos juegos y actividades. Los que han estado ahí se han divertido. Y como dice el proverbio chino Aprender un idioma es tener una ventana más desde la que observar el mundo.



“De Madrid al cielo...y un agujerito para verlo”

Los alumnos matriculados en español o en EMRC y los profesores han partido día 25 de Abril con destino a Madrid para realizar una visita a esta increíble ciudad. A las seis y media de la mañana partimos rumbo a Madrid. Nuestra primera parada ha sido en El Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, que es un gran complejo que incluye un palacio real, una basílica, un panteón, una biblioteca, un colegio y un monasterio. Se halla en la localidad española de San Lorenzo de El Escorial y fue construido entre 1563 y 1584. El palacio fue residencia de la Familia Real Española y la basílica es lugar de sepultura de los reyes de España.

Después de un picnic en esta localidad continuamos para Madrid. Cuando llegamos ahí empezamos por visitar la Plaza de España donde se encuentra la estatua de Cervantes. Seguimos hasta los jardines de Sabatini que hemos visitado y donde nos sacamos un montón

de fotos, observamos el exterior del Palacio Real que tenía una cola interminable y entramos a la Catedral de Almudena donde pudimos ver los coloridos vitrales. Después hasta la Plaza Mayor dónde descansamos un poco. Después de las energías restablecidas seguimos hasta la Puerta del Sol, aquí está situado el Kilómetro Cero de las carreteras radiales del país desde 1950, vimos también el edificio más antiguo, la Casa de Correos y su torre del reloj, cuyas campanadas de las 12 de la noche del 31 de diciembre marcan la tradicional toma de las doce uvas de los españoles. Después una foto para redes sociales con el Oso y el Madroño. Durante todo el recorrido hemos podido apreciar edificios bellísimos y escaparates increíbles.

Llegó el fin de un día lleno de bonitas cosas nos fuimos a cenar y a descansar.

Según día, después de un desayuno bien reforzado para otro día inolvidable, fuimos al museo de la Cera y sí, todos he-

mos sacado fotos con la familia real, con Cristiano Ronaldo y los chicos con la Miley Cyrus y las chicas con Robert Pattinson, pero había muchos más.

Por la tarde fuimos al Parque Warner Bros, ¡que aventura! Subimos, bajamos por montañas rusas increíbles, vimos espectáculos con coches y motos. ¡Vaya día agotador!

Ultimo día. Visitamos El Templo de Debod, un templo egipcio que fue regalado por Egipto a España en 1968 en compensación por la ayuda española tras el llamamiento internacional realizado por la Unesco para salvar los templos de Nubia. De seguida para el Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, en el tuvimos oportunidad de observar el Guernica de Picasso, también vimos otros cuadros de Miró, Salvador Dalí entre otros.

Después del almuerzo, aún visitamos la Estación de Atocha, os imagináis que tiene un jardín dentro y se terminó. Partimos de regreso a nuestra ciudad.

Hemos llegado a nuestro destino pero hemos llegado con el espíritu lleno de recuerdos,

conocimientos, aventuras y Madrid es de verdad un cielo y nos gustaría volver a verlo.



EMRC no eixo dos afetos

Dina Pinto (professora)

No dia 30 de Abril, os alunos de EMRC do 5.º e 6.º anos da Escola Augusto Moreno realizaram uma visita de estudo ao Lugar dos Afetos e à Ria de Aveiro.

Inspirado na obra intemporal de Graça Gonçalves, o Lugar dos Afetos convida cada visitante a trilhar o caminho que conduz ao coração de si mesmo e ao coração dos outros. Ao longo desse caminho, os alunos foram desafiados a contemplar, refletir e interiorizar a linguagem enigmática e simbólica dos afetos, expressa nos mais pequenos detalhes de cada espaço e de cada fase da vida.

Neste lugar repleto de simbolismo, cada uma das cores, formas e aromas transporta-nos ao eixo das relações afetivas, oferecendo pistas para uma vivência mais harmoniosa, significativa e feliz.

Fez ainda parte do programa da visita a realização de um percurso de moliceiro/mercantel na Ria de Aveiro, tendo os alunos manifestado muito agrado com as atividades realizadas.

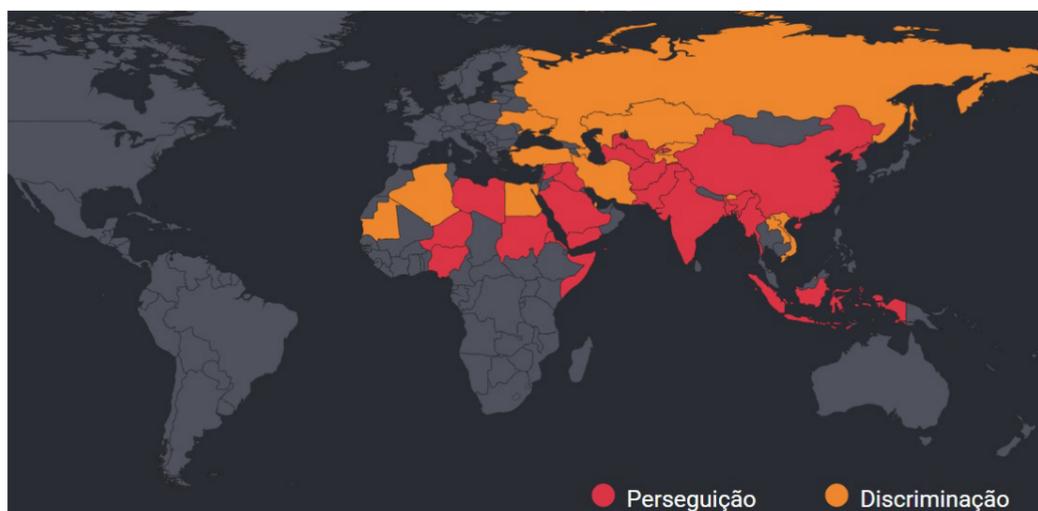


Aula sobre Direitos Humanos e Liberdade Religiosa

No dia 18 de Março, Felix Lungu da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), esteve no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, no âmbito da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), para abordar o tema “70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e Liberdade Religiosa”. Aos alunos do 9.º e 10.º anos, Felix Lungu apresentou dados do último Relatório Sobre Liberdade Religiosa no Mundo que analisa a situação da liberdade religiosa em 196

países, mostrando que em muitos países há minorias religiosas que sofrem alguma forma de repressão por motivos que se relacionam unicamente com a vivência da sua fé, como sejam a perseguição, a discriminação e a intolerância.

No final, os alunos foram desafiados (por meio de exemplos concretos) a pensar sobre o papel que cada um pode assumir de modo a construir uma sociedade mais justa, mais plural e mais tolerante.



Ação de divulgação “o voluntariado católico e o combate à pobreza e à exclusão social”

No dia 4 de Abril, os alunos das turmas C e D do 8.º ano e da turma B do 9.º ano, assistiram a uma palestra sobre “O voluntariado Católico e o combate à pobreza e à exclusão Social”, com a presença de um membro da Cáritas Diocesana de Bragança, promovida pela Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Com esta iniciativa pretendeu-se dar a conhecer o trabalho desenvolvido pela Igreja Católica no combate à pobreza e à exclusão social, tendo o representante da Cáritas lançado alguns reptos aos alunos presentes para que se tornem protagonistas da mudança que desejam ver no mundo. A partir do lema “pouco, concreto e possível”, os alunos sentiram-se interpelados a levar à prática alguns gestos que, mesmo pequenos, possam ser significativos.

Voluntariado em ação!

Como tem sido hábito, todos os meses o Agrupamento de Escolas marca presença junto dos utentes da Misericórdia para celebração da vida. A lembrança dos aniversários traça um fio condutor

que envolve as crianças (que elaboram as mensagens), os jovens (que as transportam e entregam) e os idosos (que as recebem, com expressão de muita alegria), numa rede de afeto intergeracional. Esta iniciativa da Disciplina de EMRC visa fortalecer os laços que nos unem, na alegria, na partilha, no encontro, na memória e na vida.

Também na semana de 7 a 14 de Fevereiro, em que se assinalou a semana dos afetos, algumas alunas do 8.º ano (das turmas C e D) participaram numa iniciativa a que deram o nome “contigo no coração”, que se materializou na elaboração de corações com mensagens de carinho e estímulo que, através da Disciplina de EMRC, chegaram a crianças internadas no Hospital Pediátrico de Coimbra no dia 11 de abril.

Ainda no âmbito do Voluntariado, um grupo de 10 alunas do 9.º ano deslocaram-se no dia 10 de Abril ao Centro Social Paroquial Santo Condestável para colaborar numa ação sugerida por aquela Instituição: organização do espaço da bi-



blioteca e catalogação dos livros. Durante 3 horas, estas voluntárias diligenciaram para que o espaço da Biblioteca pudesse ser mais funcional e proveitoso. Um tempo que as voluntárias mostraram ser bem

empregue, porque dedicado a promover o bem comum.

Centro de Arte Contemporânea Graça Morais

As itinerâncias do corpo e da paisagem

Clube de Jornalismo

Na exposição “Corpo e paisagem” presente no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, em Bragança, de 8 de dezembro a 17 de março, com origem em obras do acervo do Museu Calouste Gulbenkian em Lisboa, enquadrando-se no projeto pioneiro “Gulbenkian Itinerante”, podem encontrar-se obras de Paula Rego, Rui Chafes, José Pedro Croft, Graça Morais, Ana Vidigal, Eudorado Nery e Helena Almeida, entre outros, num claro diálogo entre a pintura, a fotografia e a escultura atravessando estilos, técnicas e tempos.

“Corpo e paisagem”, título e lema da exposição, com um complemento no Espaço Miguel Torga, em São Martinho de Anta, Sabrosa, parecem ser, segundo o curador da exposição, Jorge Costa, alguns dos temas mais tratados na arte desde sempre e esta exposição coletiva de várias gerações, não é exceção.

Na obra O Tempo - “Passado e Presente, de Paula Rego, uma das artistas mais importantes na arte portuguesa e a primeira a ser convidada para expor as suas obras na National Gallery em Londres, é evidente o diálogo com outros grandes artistas, nomeadamente Velasquez, pela associação inevitável que se faz entre este quadro e “As meninas”: o ponto de fuga; a perspetiva (uma mulher), a existência de quadros na parede; a dupla mensagem criada pelo espelho. O curador desta exposição escolheu esta obra devido à transposição da imagem e por possuir referências ao presente e ao futuro.

Outra das obras escolhidas foi a de José Pedro Croft, uma obra que interage com os visitantes, dos quais necessita para se completar, transmitindo um efeito de surpresa e ainda proporcionando um efeito de paisagem através do reflexo.

Loudres de Castro foi outra das artistas escolhida, que representa muito nas suas obras o corpo principalmente a sombra. Nesta obra trabalha a presença de um corpo através da ausência, isto é representado por um lençol de linho bordado a linha azul e dá a sensação de um corpo em movimento. Há outros corpos nos quais, pelo contrário, sobressai o seu estatismo.

Estão ali para observarmos a humanidade e a perfeição das proporções humanas, como “Close II2, de Antony Gormley, que traz à mente o Homem de Vitrúvio, de Leonardo Da Vinci,

Outras obras centram-se no corpo feminino. Julião Sarmiento, Helena Almeida e Graça Morais são alguns dos artistas que colocaram a mulher no centro das suas obras demonstrando através da cor das suas roupas, da posição dos seus braços ou mãos, das linhas do rosto, ou da posição do corpo a diversidade dos seus estados de espírito. Nas fotografias de Helena Almeida, é a figura da sedução que se destaca, numa imagem a preto e branco onde a única cor diferente é a planta do pé vermelha. A artista conjuga variadas técnicas: a fotografia, a pintura e a performance. Já na obra de Julião Sarmiento (“Mãos cerradas”), as mãos representam fúria, ideia que é acentuada pelos nervos pintados na tela., e na de Graça Morais (“A raiva”) o elemento mais expressivo são também as mãos. vermelhas com conotações de sofrimento e morte.

Nesta exposição havia ainda outra linguagem surpreendente, a banda desenhada de Ana Vidigal, construída a partir de

recortes e colagens, e a obra de Rui Chafes, “Durante o sono”, em que este parece querer criar uma antítese, já que a ideia de leveza dada pelas tiras ligadas à bola suspensa, que a qualquer momento parece elevar-se, contrasta com o peso dessa estrutura de ferro.

Esta exposição teve como inspiração as antigas bibliotecas itinerantes, criadas em 1956 pela Gulbenkian. Estas passavam por todo o lado, permitindo um acesso gratuito a livros, devido à escassez de bibliotecas na altura. Estas bibliotecas extinguíram-se em 2012.

Em suma, esta exposição apresenta uma enorme variedade de



linguagens, tais como escultura, desenho, pintura e fotografia, bem como uma diversidade de materiais: vidro, azulejo, ferro, espelho, ar, chumbo, fibra de vidro, gesso, cerâmica siliciosa pintada sob a vidrada, tinta

acrílica e pastel sobre lona, tinta acrílica sobre papel fotográfico, tinta acrílica sobre papel marouflé e tela, tudo para apresentar as múltiplas perspetivas do corpo e da paisagem.



A Moral Kantiana

Aníbal do Fundo, 10ºB

Desde tempos imemoriais que a sociedade vive e age tendo como referências as crenças e práticas religiosas. Obras como a Bíblia e o Alcorão servem como instrumentos de guia para os crentes, onde estão estabelecidas regras morais ditadas por Deus e, por isso, são merecedoras de crédito e máxima autoridade. O povo tem incentivos para obedecer a tais códigos de conduta moral: quem segue os preceitos da religião será recompensado nesta vida ou na próxima. Caso haja violação dos mandamentos, existirá uma punição. A Revolução Científica dos séculos XVI e XVII e o surgimento do Iluminismo levou Immanuel Kant e outros pensadores da época a pôr em causa tais dogmas.

Kant pretendeu encontrar e estabelecer o princípio supremo da moralidade. Para tal, tentou mostrar que a experiência não é necessária para entender o que é uma ação moral porque ela é a priori, ou seja, anterior e independente da experiência. Este pensador, parte do princípio de que ao julgarmos uma ação como boa ou má, utiliza-

mos como critério a intenção pura e esta estar associada à boa vontade. Segundo Kant, a boa vontade é a “única coisa boa existente neste mundo” que vale por si de forma absoluta, todas as outras coisas – bens materiais, habilidades físicas, aptidões intelectuais – podem até ser boas, mas não do ponto de vista universal, pois precisam de uma boa vontade que as acompanhe, de modo que podem não ser boas.

O conceito de boa vontade remete-nos para o dever, pois a ação é moralmente boa, portanto, realizada por boa vontade, se for realizada por “puro respeito” ao dever. Por isso, Kant introduz a diferenciação entre ações feitas por dever (moralidade) e ações de acordo com o dever (legalidade). Nesta perspetiva, as ações são destituídas de valor moral quando são realizadas conforme o dever, ou seja, as consequências estão de acordo com o dever, porém, a motivação ou intensão foi egoísta e a vontade heterónima. Deste modo, Kant descarta ações que poderiam parecer moralmente boas, analisadas do ponto de

vista das suas consequências. Ao invés toma como fundamento da ação moral a intenção pura que brota da boa vontade e não as suas consequências. Consequentemente, uma ação só possui valor moral unicamente quando é realizada pelo respeito ao dever, por respeito à lei moral, e não baseando-se em interesses ou preferências.

Kant foi um filósofo que enfatizou na moral os princípios ditados pelo dever e não pela felicidade, por isso, a sua teoria é deontológica porque as consequências não são relevantes na avaliação da ação moral, contrariamente aos utilitaristas.

Foi o filósofo da autonomia da razão, do desenvolvimento da igualdade, o defensor da lei e da paz universais, contribuiu para a formulação da Carta Universal dos Direitos Humanos; razões, suficientes, para merecer ser celebrado e tomado como exemplo em pleno século XXI.

Preservar a Fertilidade

Carolina Batsita e
Carolina Teixeira, 8ºB

A infertilidade, ou esterilidade, é um problema importante que afeta muitos casais. Esta tem vindo a subir nos últimos anos devido a fatores como o aumento da prevalência das infeções de transmissão sexual, o sedentarismo, a obesidade, o consumo de tabaco e do álcool e a poluição. A infertilidade, ao contrário do que muitas pessoas julgam, não é um problema exclusivamente do sexo feminino. Em média, um terço das causas são femininas, outro terço são masculinas e os casos restantes resultam de uma combinação de problemas dos dois membros do casal.

Por isso, se no futuro quiseres ser mãe ou pai tens de preservar a tua Fertilidade, que é a capacidade de te reproduzires. Caso não te protejas e não cuides dela, irás ter dificuldades em te reproduzires, ou seja, poderás ficar infértil.

Como diz o velho ditado “de pequenino se torce o pepino” e é na nossa adolescência que se pode começar a pôr em risco a nossa fertilidade.

Como podes preservar a tua Fertilidade?

Nos adolescentes, como nós, a fertilidade pode estar em risco devido às muitas radiações que apanhamos com as horas excessivas ao telemóvel, computador e a ver televisão.

Nos rapazes uma das precauções que devem ter é evitar a utilização de calças e boxers apertados, pois o uso de roupa justa provoca o aumento da temperatura escrotal, que é

muito prejudicial. Nas raparigas as roupas justas também são perigosas, pois favorecem o desenvolvimento de bactérias que podem causar infeções graves e há infeções que provocam infertilidade.

Podes também preservar a tua fertilidade tendo uma alimentação saudável, evitando comer alimentos ricos em gorduras e açúcares. Deves dormir no mínimo 8 horas por noite e deves praticar desporto de forma regular e moderada.

Existem algumas causas comuns de Infertilidade que deves saber, por exemplo, doenças cardiovasculares, respiratórias, auto-imunes, tumores malignos, Obesidade e magreza, Traumatismos e acidentes, Hereditariedade, Poluição, Nicotina, Álcool e Drogas.

Hábitos que deves evitar, para o bem da tua Fertilidade?

Para o bem da tua Fertilidade no futuro não deves:

Fumar: pois interfere nos gametas femininos e masculinos, mas não só os fumadores têm problemas na fertilidade, mas também os fumadores passivos, que apenas inalam o fumo são prejudicados.

Beber bebidas alcoólicas: pois o seu consumo no futuro irá provocar a demora para conseguir engravidar.

Consumir drogas.

Estes hábitos não prejudicam só a tua infertilidade, mas também podem ter efeitos negativos no resto da tua vida e até mesmo a nível escolar.

As escolas e Bibliotecas do Agrupamento estiveram com o festival literário de Bragança

O V Festival Literário de Bragança, organizado pelo Município, decorreu, de 22 a 25 de maio e trouxe, às Escolas e Estabelecimentos Prisionais de Bragança e Izeda, mais escritores, mais leitura e escrita.

Integrado no papel da Rede de Bibliotecas de Bragança, as Bibliotecas Escolares do Agrupamento articularam com o currículo o encontro de Escritores, Jornalistas e Ilustradores, numa estratégia de desenvolvimento e motivação da leitura, das artes, das emoções, da cidadania, entre outros elos de ligação ao currículo.

Elisa Ramos, Coord.Bibliot.

Tiago Salgueiro esteve no Jardim de Infância da Estação e mostrou aos mais pequenos como nasce o livro e a escrita deles: Lenga Lengas Coloridas,

Provérbios Coloridos e Adivinhas Coloridas

Deliciou crianças e adultos...

A escritora e ilustradora Mafalda Milhões esteve na Biblioteca Augusto Moreno, com os alunos do 2º ciclo, numa interação da palavra e imagem, conduzindo os alunos a mundos imaginários e criativos. Falou da obra Uma Biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente.

Nuno Amado, na Escola Abade de Baçal, marcou encontro com os alunos da Abade de Baçal e Emídio Garcia. Apresentou os seus livros e Diz a Verdade sobre o Amor ou o Manual da Felicidade para Neuróticos fizeram surpresa.

E em dia de celebração da Língua Portuguesa na UNESCO deixou-nos a importância da leitura e da escrita, na promoção das competências da Língua Portuguesa.

Os formandos dos Estabelecimentos Prisionais de Bragança e Izeda receberam o Jornalista e Escritor Luís Osório que, numa conversa despida de tabus, falou da sua obra, MÃE, promete-me

que me lês... e encheu e aqueceu os corações frios dos que o puderam achar.

As escolas ganharam mais uma vez e as literacias, também!



Pensar a Terra

Sustentabilidade, SIM

A esperança de antigamente de que poderíamos mudar o clima para melhor deu lugar à sombra tomada de consciência de que só estamos a piorar as coisas. Aquilo que os cientistas não podiam conseguir por projeto, as pessoas comuns estão em vias de concretizar por acidente.

Alunos do 5º B, 5º C e 6º C sob a orientação da professora Ana Ferreira

Os seres humanos estão a alterar os padrões climáticos à escala local, regional e global de uma maneira completamente desastrosa. Entre outras coisas, quanto mais elevada for a temperatura, mais rapidamente a humidade pode evaporar-se da superfície da Terra e condensar, sob a forma de gotas de chuvas nas nuvens, aumentando o risco tanto de secas como de chuvas torrenciais.

A atividade humana está a modificar a precipitação de forma dramática. As imagens de satélites mostram que os aerossóis industriais – ácido sulfúrico e coisas semelhantes – emitidas pelas siderurgias, refinarias de petróleo e centrais elétricas estão a acabar com a precipitação nos grandes centros industriais. Também neste domínio a desflorestação é de uma enorme importância. As árvores têm um papel importante na reciclagem

da humidade para a atmosfera. Os arbustos, ervas e outra cobertura vegetativa atuam de igual modo, retendo a água, alimentando a humidade da atmosfera e dando sombra que protege a superfície da Terra dos raios de sol que secam. As limpezas de terras em larga escala, que decorrem em todo o mundo, eliminam tudo isto.

Ora, é de extrema importância que o ser humano tome também a seu cargo a reflexão sobre a problemática da sustentabilidade que hoje nos aparece como decisiva mas com pouco questionamento crítico e fundamentação permanente. Para além da mudança, que sempre foi uma constante da história é preciso saber encontrar também permanências, âncoras e pontos de referência.

Bem vistas as coisas, há questões fundamentais que não são apenas de ontem, de hoje ou de amanhã. São de sempre.

O mundo tem de (re) pensar estratégias e caminhos para o exercício de uma verdadeira sustentabilidade. A grande aposta para a sua realização pertence a todos ao longo da vida, a qual deve despertar o sentido crítico sobre o mundo que estamos a construir. Estamos perante uma sustentabilidade humana planetária, em que os problemas de todos dizem respeito a todos.

Nós, alunos jovens:

- Temos sensibilidade e consciência acerca do meio ambiente em geral e dos problemas com ele relacionado;

- Acreditamos que o ser humano tem a capacidade de modificar, favorável ou desfavoravelmente, os ecossistemas;

- Refletimos sobre o papel da tecnologia num desenvolvimento equilibrado e sustentado e sobre a importância do seu uso adequado;

- Sabemos que a solução dos problemas do meio ambiente passa pela colaboração entre as pessoas e pela cooperação entre os países;

- Refletimos sobre formas de compatibilizar o uso dos recursos do meio ambiente com a sua preservação;

- Refletimos sobre os direitos ambientais das gerações futuras;

- Sabemos que a extinção de algumas espécies é uma das consequências inevitáveis do progresso;

- Defendemos que os recursos da Natureza devem ser utilizados pelo Homem para produzir riqueza, desenvolvendo economicamente o Planeta;

- Consideramos que os problemas ambientais que surgirem no novo século e que afetarão as novas gerações serão certamente resolvidos pelo desenvolvimento da ciência.

Sustentabilidade é verdade
 É preservar a identidade
 Proteger uma comunidade
 Usar os recursos naturais
 Satisfazer necessidades ancestrais
 Sustentabilidade é pensar nas gerações futuras
 Viver o futuro sem agruras
 É capacidade de interagir com o mundo
 Preservar o meio ambiente profundo
 Sustentabilidade social, energética, económica e ambiental
 Onde não cabe a palavra banal
 É respeitar a Natureza
 Privilegiar a sua beleza
 É desenvolver condições de vida
 Abrir a porta à economia
 É lutar por um futuro sustentável
 É dizer não a um ambiente lamentável
 A partir de um único empreendimento
 Sempre com o mesmo pensamento
 Abarcar um planeta inteiro
 E fazer dele um planeta verdadeiro
 Ecologicamente correto
 Verde, inteiro e aberto
 Economicamente viável
 Transparente, amigo e fiável
 Socialmente justo mesmo que seja a todo o custo
 Culturalmente diverso
 Com direito a medalha e não o seu reverso
 Sustentabilidade é autenticidade
 É de todos, para todos, necessidade.

Alunos do 5º B e C e 6º C

AU CLUB DE FRANÇAIS, J'APPRENDS!



Nous te présentons une des activités qu'on a faites au club de Français.

On a célébré le premier mai.

Comme chaque année, le premier mai il n'y a pas de classes.

On dit que c'est un jour férié. Les magasins, les banques, les entreprises, les écoles... sont fermés.

Ce jour-là on offre du muguet.

C'est la fête du travail. C'est une façon de mettre à l'honneur tous les gens qui travaillent.

Veux-tu savoir plus ?

Inscris-toi, au Club, la prochaine année !

On apprend beaucoup, en Français !

Les élèves du Club



De olhos no Palco:

Companhia Chapitô apresenta Hamlet, uma inadaptação parodística



Hamlet é uma tragédia escrita por William Shakespeare, entre 1599 e 1601.

A peça retrata a história de um príncipe da Dinamarca que tenta vingar a morte do seu pai, rei Hamlet, envenenado pelo seu tio Claudius, que se casa com a rainha viúva Gertrudes para se tornar rei. Esta obra dramática realça o percurso de vida na loucura real e fingida, explorando temas como a traição, a vingança, o adultério, a hipocrisia e a imoralidade.

No dia 11 de abril, no Teatro Municipal de Bragança, decorreu uma adaptação muito original deste texto de William Shakespeare, levada à cena pela Companhia Chapitô, com interpretação de apenas quatro atores: Jorge Cruz, Susana Nunes, Patrícia Ubeda e Tiago Viegas/Ramon de los Santos.

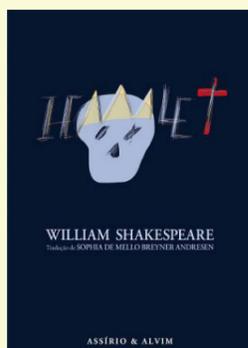
A originalidade da peça residuiu na interpretação e versatilidade dos artistas, que trocavam de papéis constantemente e dispensaram outros efeitos sonoros além dos que eles próprios produziam, revelando grandes dotes vocálicos ao reproduzir múltiplos sons de animais, objetos, ou fenómenos da

natureza.

Ao longo do espetáculo representam as três situações que decorrem durante um só dia: o funeral de um defunto, que se realizou no Arquivo Morto, o casamento da viúva do falecido, que decorreu no Salão Nobre, e a tomada de posse do noivo da Rainha Gertrudes, na Penthouse, dependendo a transição entre “pisos” do conhecimento da senha/nome do rei em exercício: “King Hamlet/Claudius”, o que evidenciava o ridículo do pretensiosismo que caracteriza os poderosos.

Na nossa opinião, esta peça foi bastante divertida pelo modo como os intérpretes abordaram o tema e pelo facto de nos proporcionar momentos de inspiração e de criatividade. Gostaríamos de destacar a cena em que é simulada uma morte por afogamento, pela perfeição dos movimentos do corpo, que permitem adivinhar a água sem que ela esteja visível.

Em suma, aconselhamos a leitura do livro bem como a visualização do espetáculo, uma vez que são bastante ricos na análise do comportamento humano.



Hamlet é uma tragédia escrita por William Shakespeare e, como todas as peças deste autor, pode ser apenas lida, mas só quando é representada atinge todo o seu esplendor.

Andreia Teixeira 10º A

Companhia Chapitô apresenta A Grande Vaga de Frio, um monólogo inquietante



Adeline Virginia Woolf nasceu dia 25 de janeiro de 1882, em Kensington. Foi uma escritora e editora britânica, conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo. Esta escritora estreou-se na literatura no ano de 1915 com o romance “The Voyage Out”, a obra que abriu o caminho para a sua carreira como escritora. Suicidou-se a 28 de março de 1941,

Carolina Batista, 8ºB

com 54 anos, em Lewes, Sussex.

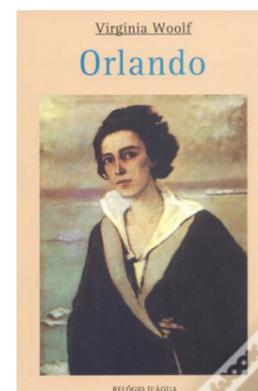
No dia 16 de fevereiro, no Teatro Municipal de Bragança, subiu ao palco o espetáculo intitulado “A Grande Vaga de Frio”, que relata um dos episódios do livro e da vida da personagem de Orlando, de Virginia Woolf. Com dramaturgia de Luísa Costa Gomes, concepção e direcção de Carlos Pimenta e interpretação de Emília Silvestre.

Emília Silvestre foi a atriz omnipresente, desdobrando-se em Orlando mulher, Orlando homem e narrador, e conseguindo assegurar a dupla dimensão trágica e cômica da peça, que conta a história de Orlando, um jovem poeta na corte isabelina, muito cobiçado pelas mulheres que reconhecem a sua beleza.

Mas Orlando tem uma particularidade: por vezes adormece e avança no tempo. No século XVIII é nomeado embaixador da Inglaterra em Cons-

tantinopla, junto da corte do Sultão, e um dia adormece e acorda mulher, torna-se nómada, vive com um grupo de ciganos, até que sente falta da vida luxuosa em que cresceu e regressa a Londres, atravessando três séculos da história de Inglaterra até chegar a 1928, ano em que o romance é publicado.

É um homem aristocrata, que até aos trinta anos passa os três séculos como mulher e, por isso, os longos monólogos são a exposição da consciência das personagens, que concluem que todos “temos dois géneros dentro de nós”. Deste modo, Virginia Woolf aliou a aristocracia e o mundo rural, ao qual o protagonista está associado devido a uma ascendente pertencente a este universo, e problematizou a definição do género, ao mesmo tempo que evidenciou a sensibilidade dos poetas. Mas não ficou por aqui, já que a importância que a sociedade dá às aparências é também analisada.



literatura&ou

Um banho de clássicos

Com encenação de Miguel Loureiro O drama de uma família e do Portugal de seiscentos



No dia 27 de abril, decorreu no Teatro Municipal de Bragança a representação da peça dramática “Frei Luís de Sousa” de Almeida Garrett, cuja ação se desenrola no século XVII. Nela se narra a vida de uma família, Manuel de Sousa Coutinho, a mulher, D. Madalena de Vilhena, e a filha Maria, que vive à sombra do receio de que o primeiro marido de Madalena, D. João de Portugal, desaparecido na batalha de Alcácer Quibir, regresse. “Frei Luís de Sousa é aquela

estação de paragem obrigatória, que mais tarde ou mais cedo nos aparece no caminho, como a pedra do Drummond de Andrade.” e Miguel Loureiro não pôde deixar de parar nessa estação e trazer para o palco o nevoeiro, o medo, a lenda, os senhores, um romeiro e um anjo e, num sopro, fazê-los desaparecer. Não há adaptação que escape à tragédia que define este drama de Garrett.

“Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É Dom Quixote. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.”

“Quincas Borba”, Machado de Assis



O escritor argentino Jorge Luis Borges definiu com mestria o significado cultural que Dom Quixote atingiu: “Poderiam perder-se todos os exemplares do Quixote, em castelhano e nas traduções; poderiam perder-se todos, mas a figura de Dom Quixote já é parte da memória da humanidade.”

ACE Teatro do Bolhão apresenta Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança



Inspirada na célebre obra seiscentista de Miguel Cervantes, a Companhia ACE Teatro do Bolhão brindou o público brigantino com a peça “Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança”, da autoria de António José da Silva, publicada em 1733.

Carolina Teixeira, 8ºB, e Iolanda Veiga, 10ºA

Integrada no Festival de Teatro “Vinte e Sete, que vai na 15ª edição, a peça satírica e cômica evidenciou o talento do encenador japonês Kuniaki Ida e de todo o elenco, com destaque para António Capelo e Paulo Calatré, que deram corpo aos dois protagonistas da peça, D. Quixote e Sancho Pança.

A ação passa por alguns locais que o cavaleiro andante e o seu companheiro, acompanhados pelo cavalo Rocinante e pelo burro Ruço, percor-

reram, o primeiro à procura de aventuras para pôr à prova a sua coragem e conquistar a glória que os cavaleiros almejam, o segundo com o engodo de um prémio: a ilha denominada Barataria onde seria (e será) rei e senhor. Será através desta governação que o autor português introduz o tema da justiça para criticar o modo discricionário e inapto como é aplicada.

Com representações brilhantes, os dois atores brindaram o público com um excelente espetáculo que homenageou simultaneamente Cervantes e António José da Silva.

Disquição na insônia

Que é loucura; ser cavaleiro andante
Ou segui-lo como escudeiro?
De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
Vê o real e segue o sonho
De um doído pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
E me sabendo tal, sem grão de siso,
Sou – que doideira – um louco de juízo.

Carlos Drummond de Andrade

António José da Silva

António José da Silva Coutinho nasceu a 8 de maio de 1705 no Rio de Janeiro e morreu a 19 de outubro de 1739 em Lisboa. Foi poeta, comediógrafo, advogado e dramaturgo. Escreveu o conjunto da sua obra em Portugal entre os anos 1725 e 1739. Devido à sua ascendência judaica, ficou conhecido como “O Judeu”. É considerado um dos

dramaturgos portugueses mais importantes juntando-se a Gil Vicente e Almeida Garrett. Foi o autor de várias peças escritas para serem representadas por bonifrates, como por exemplo a peça “Vida do Grande Dom Quixote De La Mancha e Do Gordo Sancho Pança”.

Foi acusado de judaísmo e, apesar de ter contestado a acusação

O quadro de “Dom Quixote e Sancho Pança”, da autoria de Pablo Picasso, é um esboço a preto e branco.

O quadro retrata Dom Quixote de la Mancha montado no seu cavalo “Rocinante” e o seu escudeiro Sancho Pança montado no seu burro, sendo os contornos pouco precisos. Além destas figuras, destaca-se um sol, que ilumina o cavaleiro andante e o seu criado, e os famosos moinhos que recordam um dos episódios mais emblemáticos da obra, que ilustram bem o idealismo e a loucura de D. Quixote, já que este os confunde com gigantes, e a sensatez do criado, que tenta trazer o seu amo à razão.

No esboço, Sancho Pança olha para o seu mestre alto e alongado que lhe devolve um olhar frontal, o que evidencia a sua superioridade.

Existe outra versão desta obra, mas foi esta a preto e branco que se tornou mais popular. Apesar da sua simplicidade não deixa de captar a nossa atenção, o que comprova que não é uma obra vulgar. André Rodrigues e Inês Oliveira, 8ºB



Pablo Picasso, 1955

Biblioteca Escolar

Celebrar a Leitura

CIÊNCIA E LEITURA na tua Biblioteca...

A Ciência marcou encontro no terceiro dia da SEMANA DA LEITURA, na Biblioteca da Escola Augusto Moreno.

O Centro de Ciência Viva veio à Escola com leituras sobre Química e com experiências ao vivo. Alunos de 2º ciclo experimentaram construir um vulcão e extinguir um fogo...

Da teoria à prática, com reagentes... os alunos mostraram conhecimento...!



O Morcego Bibliotecário na Escola Básica de Izeda

De Carmen Zita Ferreira com ilustrações de Paulo Galindo a obra foi apresentada pela equipa da BE, as professoras Mónica e Ana Maria, aos alunos do 1º ciclo da Escola de Izeda.

Na mala levavam muitas surpresas, que encantaram os participantes.

E que lição estes “esquisitos” mamíferos nos dão, com a sua

habilidade em captar insetos, asseguram a preservação dos livros das mais antigas bibliotecas, como a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra ou a Biblioteca do Palácio de Maфра!

Uma história com asas que enfatiza sobretudo o amor aos livros e à leitura.

Vale a pena ler!



Partilha de leituras

No âmbito do Projeto aLeR+, a partilha de leituras ocorreu entre as turmas do 2º ano da Escola Augusto Moreno e os nossos convidados da Escola Segura, GNR E PSP. Foram várias as histórias abordadas, sobre ciência, biografias de cientistas, Pasteur, Marie Curie, Galileu... poesia de António Torrado, com sabor a passado, presente e futuro... uma sessão enriquecedora.

LEITORES DE HOJE, LEITORES DE AMANHÃ!



PROJETO GEN10S



De uma parceria da SIC Esperança, Google.org e Ayuda en Accion nasceu, em 2015, o Projeto GEN10S, que pretende ensinar programação a crianças promovendo a igualdade de oportunidades na área digital.

Pelo segundo ano consecutivo, a Escola Augusto Moreno acolheu o Projeto, orientado pelos docentes de TIC da Escola Superior de Educação de Bragança e destinado aos alu-

nos do 2º ciclo.

Este ano, desenvolvido que foi em colaboração com as docentes de Educação Física, Ilda Vicente e de Apoio ao Estudo, Maria João Veiga e Emília Martins, contando ainda com a colaboração dos docentes Zulmira Morais e Palma Ferreira, o trabalho dos alunos incluiu o desenvolvimento de programação Scratch, no âmbito da Educação Física, da História e da Matemática,

contribuindo para uma nova perceção das tecnologias educativas. O Projeto contemplou os alunos com a oferta de um Certificado de competências e uma camisola alusiva.

A Biblioteca acompanhou o Projeto, cooperando na dotação dos alunos das ferramentas necessárias, à adoção e desenvolvimento das novas tecnologias.

Marsmallow

Christopher Comstock nasceu em Filadélfia, Estados Unidos, a 19 de maio de 1992. É um produtor de música e um apreciado “DJ” norte americano.

Marshmallow, nome artístico, ficou mundialmente conhecido após lançar a música “Alone”, que alcançou o top 100 na tabela da Billboard. Usa, em cada concerto, um capacete branco com um sorriso largo e dois “X” na zona ocular. O artista afirma que “Eu só quero fazer boa música, e para isso não é necessário você saber quem eu sou”.

Em 2015, estreia-se, não nos palcos, mas no SoundCloud (plataforma online de publicação de áudio utilizada por profissionais) divulgando a música “WaVeZ”. Bandas como os “Skrillex” partilha-

ram a sua música. Depois de lançar mais alguns originais, Marshmallow tornou-se cada vez mais popular até que as suas faixas foram eleitas como “Skrillex Selects”. No entanto, no ano seguinte, Comstock deixou a SoundCloud e lançou o seu primeiro álbum intitulado Joytime, constituído por um conjunto de 10 temas, entre os quais “Alone”. Mais recentemente, em 2017, o DJ colaborou com vários artistas como Ookay e Slushii em músicas como “Chasing Colors” e “Twinbow”. Dedicou uma música aos seus fãs intitulada de “Love U”. Segundo a Forbes, Marshmallow foi considerado o DJ mais bem pago do mundo arrecadando 21 milhões apenas nesse ano. No ano passado lançou uma colabo-

André e João Venâncio, 8ºB

ração com o falecido Lil Peep, intitulado “Spotlight”. Colaborou com Anne-Marie, Logic e Slushii na realização de obras como “Friends” e “There X2”. Teve uma participação especial com James Arthur e Juicy J no lançamento do single “You Can Cry”. Os seus êxitos durante a sua carreira são “Alone”, “Together”, “FLY” e “Happier”, com a colaboração com a banda britânica Bastille.

Em fevereiro, Marshmallow deu um concerto ao vivo no jogo “Fortnite”. Assistiram a este evento mais de 10 milhões de jogadores e acabou por atrair mais pessoas para o jogo, o que foi um grande avanço e apoio para o DJ. Atualmente Marshmallow tem pelo menos 3 músicas no Top 10 mundial.

“Aqui chegamos inocentes” É um dos hinos mais entoados e também o mote para este texto.

Quando se sai do Secundário abre-se todo um leque de oportunidades. É quando a voz se torna grave e o puto que antes era um menino agora é um homem. Escolhi crescer na Veneza Portuguesa e foi o Moliceiro que me deu boleia para esta viagem de três anos na Universidade de Aveiro.

Pedro Venâncio (ex-aluno da escola e do Clube de Jornalismo)

Fui embarcando nos encantos de Aveiro e entrei em Biotecnologia, um curso que liga as áreas da Química, Bioquímica, Biologia e Eng. Química e que é tudo menos fácil. No entanto, quando nos deparamos com um desafio desta índole, a forma de o levar a cabo é misturar um pouco de sentimento, de partilha, respeito e amizade. Neste sentido, conheci pessoas que nunca pensei vir a conhecer. Os “olás” envergonhados rapidamente se tornaram em sorrisos e abraços. Partilho com estas pessoas momentos que jamais se esquecem. É nesta família que vejo o que é o “amor à camisola” e é impressionante como em tão pouco tempo acabamos por nos entranhar desta forma.

Por outro lado, e porque o mais importante nos dias de hoje é formar jovens com um variado leque de Soft Skills, vou falar de algo realmente grande, uma das coisas que mais me prende a Aveiro: o Associativismo.

Se há problema que eu sempre tive foi ser péssimo a “simplesmente existir”. E com isto quero dizer que um mundo sem desafios não é para mim, tenho de estar em constante movimento, mantendo-me ocu-

pado com alguma coisa que, de certa forma, me enriqueça não só pessoalmente, mas também profissionalmente.

No meu primeiro ano de Universidade entrei no Núcleo de Estudantes de Química da Associação Académica da Universidade de Aveiro (NEQ-AAUAv) e foi um dos maiores desafios até então. Sabe-se pouco acerca do processo de seleção. Sabe-se apenas que foi numa noite de Receção ao Caloiro, apelidada de Hug pela Academia Aveirense, que aquele que viria a ser o Coordenador do Núcleo, me abordou, com dois copos de fino na mão - um para mim e outro para ele, dizendo: “ouvi dizer que fizeste para aí um vídeo, tu não queres vir para o Núcleo?”. Tinha acabado de chegar, não sabia muito bem o que era o Núcleo, mas via já que era uma entidade de referência para os Estudantes, então aceitei. Se foi a melhor coisa que poderia ter feito? Provavelmente não, mas claramente que sim. Digo isto porque neste primeiro ano, um ano em que a nossa experiência no ensino superior é nula, houve muitos sacrifícios que tive de fazer, muitas noites mal dormidas, muitos dias que pareciam não acabar. Mas se fazer parte deste projeto parece que é humanamente impossível, por outro lado, foi possível estreitar muitas amizades, retirar muitas lições, muitas aprendizagens, muito conhecimento que não só será útil para o meu sucesso profissional, como para a vida.

Já é o meu segundo ano nesta entidade que representa mais de 700 estudantes dos vários ciclos de estudo do Departamento de Química da Universidade de Aveiro, primeiramente fui vogal



“**Pois bem, o futuro é dos jovens, é meu e teu, e somos nós que o que traçamos mediante os nossos atos. O desinteresse no associativismo, em aprender mais do que aquilo que é ensinado na escola/universidade, no desenvolvimento de soft skills é cada vez maior e isto apenas reflete que estamos a passar por uma sociedade cada vez mais despreocupada e que se conforma com futilidades.**

do Setor de Comunicação e Imagem e neste momento sou Responsável Financeiro.

O NEQ-AAUAv tem como principal objetivo ser o elo de ligação entre a Associação Académica da Universidade de Aveiro e os Estudantes, mantendo uma política de proximidade de forma a que os estudantes possam ter uma voz ativa no seio da sua vida académica. São várias as atividades que o NEQ-AAUAv promove, sendo elas de caráter pedagógico, desportivo e cultural.

Em paralelo a este desafio que é o NEQ-AAUAv, tive também a oportunidade de fazer parte da Comissão Organizadora do XII Encontro Nacional de Estudantes de Bioquímica na qual

fui Vice-presidente do Setor de Divulgação durante um ano. Neste projeto coordenei uma equipa de meninas que ficaram encarregues de reproduzir visualmente tudo aquilo que viria a ser este encontro, e fui, ainda, apresentador do mesmo durante quatro longos, mas extremamente enriquecedores, dias para uma plateia de cerca de quinhentas pessoas.

Depois desta descrição de algumas das coisas que fui fazendo ao longo destes anos, resta-me questionar: “Porquê ter tantas preocupações quando posso muito bem viver uma vida muito mais relaxada e sem trabalho?”. Pois bem, o futuro é dos jovens, é meu e teu, e somos nós que o que traçamos



mediante os nossos atos. O desinteresse no associativismo, em aprender mais do que aquilo que é ensinado na escola/universidade, no desenvolvimento de soft skills é cada vez maior e isto apenas reflete que estamos a passar por uma sociedade cada vez mais despreocupada e que se conforma com futilidades. Nos dias de hoje, os empregadores procuram pessoas dinâmicas, capazes de se desenrascar fora da sua zona de conforto, pessoas autónomas e criativas. Portanto, um conselho que deixo a todos os jovens é que procurem fazer mais, procurem não ser iguais a todos, pois tal como Sócrates um dia disse, “Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida.”.



A História do Muguet

O dia 1º de maio não é apenas o Dia do Trabalhador, em França, mas também o dia para presentear as pessoas de quem se gosta com a flor muguet, que pode ser branca ou cor-de-rosa. A tradição vem de um tempo muito distante.

Lurdes Bento (prof)

Há muitas lendas acerca do nascimento do lírio do vale. Na mitologia, diz-se que o deus Apolo teria criado lírios do vale para oferecer às suas nove ninfas descalças um tapete macio e perfumado no qual pudessem andar. Na Roma antiga, as comemorações em homenagem a Flora, a deusa das flores, tinham o seu apogeu no 1º de maio.

A lenda cristã narra a história de St. Leonard, eremita refugiado na floresta, que teve de lutar contra um dragão. Saiu vitorioso da batalha, e diz-se que as gotas de sangue que ele derramou durante a batalha deram à luz lírios do vale. Esta lenda explica em parte a crença de que o lírio do vale traria sorte.

Os celtas já atribuíam as virtudes da sorte a esta planta: o seu florescimento significava o retorno da primavera e da abundância da natureza. Os celtas celebravam o início do verão no mesmo dia. Eles dançavam em volta de uma árvore para espantar os maus espíritos e acreditavam que o muguet trazia sorte.

Na Idade Média, maio era o mês dos casamentos, conhecidos nesses tempos por “accordailles”. A tradição mandava colocar um ramo de lírios na porta da amada, e a brancura das flores simbolizava a sua pureza.

Durante o Renascimento, no interior de França, era costume oferecer lírios do vale para afastar as dificuldades do

inverno.

Em 1560, o rei Charles IX, em visita à Drôme com sua mãe, Catarina de Médicis, ganhou um muguet do cavaleiro Louis de Girard de Maissonforte, colhido no seu jardim em Saint-Paul-Trois-Châteaux. O rei, então, decidiu presentear a partir do dia 1º de maio de 1561, todos os anos, as damas da corte com a flor do muguet para dar sorte. Foi aí que o costume nasceu.

No século XIX, à volta de Paris, as colheitas do lírio do vale deram origem a festas populares.

No dia 1º de maio de 1895, o cantor francês Félix Mayol (autor de “Viens, Poupoule!”) chegava a Paris. A sua amiga Jenny Cook deu-lhe um ramo de muguets. Ele colocou a flor na sua lapela no primeiro show no Concert Parisien. A série de shows foi um sucesso. Mayol transformou, então, o muguet no seu emblema. Muito popular na época, o cantor relançou a

tradição.

No 1º de maio de 1900, durante uma festa organizada pelos grandes estilistas parisienses, todas as mulheres receberam um ramo de muguets. Os estilistas, então, passaram a presentear as suas clientes todos os anos com a flor. Christian Dior, inclusive, transformou o muguet no emblema da sua marca.

A flor apenas foi associada ao Dia do Trabalhador sob o governo de Vichy, regime que colaborou com a Alemanha Nazi. No dia 24 de abril de 1941, o marechal Pétain oficializou o 1º de maio como a “Festa do Trabalho e da Conciliação Social”. A rosa vermelha, símbolo do Dia do Trabalhador desde 1891 e muito vinculada à esquerda, foi então substituída pelo muguet.



Os gladiolos gostavam muito de ser gladiolos e achavam-se superiores a quase todas as outras flores. Diziam eles que as rosas eram flores sentimentais e fora de moda e que os cravos cheiravam a dentista. Tinham um grande desprezo pelas papoilas e pelos girassóis que são plantas selvagens e das flores de urze e das flores de tojo do pinhal diziam que nem eram flores. São uma espécie de ervas de picos. – afirmavam eles. Mas havia uma flor que os gladiolos detestavam. Era a flor do muguet.

O muguet é uma flor escondida. É uma flor pequenina e branca e tem um perfume mais maravilhoso e mais belo do que o perfume dos nardos.

Durante o Inverno ela dorme na terra debaixo das folhas secas e desfeitas das árvores. Dorme como se tivesse morrido. Mas na Primavera as suas longas folhas verdes furam a terra e crescem durante alguns dias até terem um palmo de altura. Então, muito devagar, as folhas vão-se abrindo e mostram à luz maravilhada as campânulas aéreas, brancas e bailarinas da flor do muguet. E o vento da tarde toma em si o perfume do muguet, leva-o consigo, e espalha-o no jardim todo.

Então, tudo no jardim estremece e as grandes tílias e os velhos carvalhos e as flores recém-nascidas e as relvas e as borboletas dizem:

- É Primavera! É Primavera!

Só os gladiolos não gostam e dizem:

- Que flor tão exibicionista! Finge que se quer esconder, finge que é simples e humilde, finge que não quer que a vejam, mas depois transforma-se em perfume e espalha-se no jardim todo!

E à noite, quando vão à estufa visitar as begónias e as orquídeas, os gladiolos fecham a porta para não sentirem o perfume da flor do muguet.”

(Excerto de “O Rapaz de Bronze” de Sophia de Mello Breyner Andresen)

Influência da tecnologia no cérebro humano

As novas tecnologias, que evoluíram muito na última década, parecem influenciar o funcionamento do cérebro humano. Essas modificações podem trazer benefícios, prejuízos ou indiferenças. No entanto, ainda existe muita controvérsia e dúvidas sobre este assunto.

Carolina Teixeira, 8ºB

Em termos de benefícios, destacam-se o maior desenvolvimento da capacidade de busca de informações, de realizar várias tarefas em simultâneo e de relacionar ideias, a aquisição de reflexos e a possibilidade de intensificar a capacidade de percepção, que parece ser desenvolvida, por exemplo, com os videojogos. Além disto, a área cerebral responsável pelo controlo dos polegares aumentou, como consequência da nova forma de utilizar os dedos nos dispositivos móveis.

Por outro lado, existem prejuízos, sendo estes mais que os benefícios. A tecnologia prejudica a memória, já que nos momentos em que se possuem dúvidas procura-se na Internet e coloca em perigo a memória de longa duração. Também se perdem capacidades de orientação, já que o hábito de uso dos sistemas de posicionamento global (conhecidos por GPS) conduzem a um menor esforço de retenção de informação necessária no reconhecimento de rotas. Além disso, o uso abusivo e vicioso provoca frequentemente distração, um comportamento incontrolável e uma forte ansiedade, que por vezes interfere com o ciclo de sono tão importante no desenvolvimento saudável do cérebro. Isto ocorre por vezes devido ao facto de algumas pessoas antes de se deitarem verificarem se têm alguma notificação nos seus dispositivos eletrónicos e acordarem no decorrer da noite para verificar os aparelhos. Os problemas dos adolescentes com o sono encontram-se também muitas vezes associados a uma utilização excessiva da Internet e dos videojogos. A utilização de forma regular e intensiva destes recursos provoca privação e perturbação do sono e agravamento de problemas de ansiedade e depressão.

A utilização das novas tecnologias também muda a forma de pensar, ser e fazer, não existe nenhum estudo que comprove alterações radicais e ainda existem muitas incógnitas no ramo das redes sociais. As redes sociais modificaram as formas de relacionamento e comportamento com os outros e o funcionamento de algumas funções do cérebro.

Em suma, a tecnologia influencia de uma forma significativa o cérebro humano e todas as transformações introduzidas parecem ser irreversíveis. Havendo aspetos positivos inegáveis, é fundamental combater os comportamentos tecnológicos que são prejudiciais.

Fontes:

<https://amenteamaravilhosa.com.br/novas-tecnologias-cerebro/>

<https://www.sabado.pt/ciencia---saude/detalhe/como-a-internet-esta-a-mudar-o-seu-cerebro>

A ascensão dos robôs

O Homem é insatisfeito, faz parte da sua condição a procura de algo novo e esta sua insatisfação leva-o a desenvolver cada vez mais a técnica para a colocar ao seu serviço.

Carolina Teixeira, 8ºB

No entanto, a verdade é que muitas vezes aquilo que o serve também o substitui. Os robôs são um exemplo disso. O primeiro robô foi desenhado por Grey Walter da Universidade de Bristol, na Inglaterra, em 1948, e, a partir daí, não pararam de ser criados novos exemplares..

A Samsung apresentou na CES 2019 (Exposição Internacional de Eletrônicos de Consumo patrocinada pela Consumer Electronics Association que se realiza em Las Vegas) duas novas famílias de robôs, Bot e Gems. Estes novos assistentes pessoais possuem cada um uma função específica.

Dentro da família Bot foram apresentados três modelos (Care, Air e Retail). Por sua vez, a família Gems apenas possui um modelo. O Samsung Bot Care foi desenhada, no intuito, de oferecer assistência a pessoas idosas ou que precisam de uma

superior atenção médica. O Samsung Bot Air, como indica o nome, serve para um controlo da qualidade do ar. O Samsung Bot Retail tem como objetivo auxiliar as compras e vendas de produtos numa grande variedade de tipos de loja. Este último será útil para eliminar ou reduzir filas.

O Samsung Gems é um exoesqueleto, auxiliando na movimentação do usuário. Esta é uma estrutura que permite que seres humanos com problemas de locomoção recuperem e voltem a andar. No entanto, no momento não existe qualquer previsão da comercialização dos robôs da empresa sul-coreana.

Outra apresentação foi o QTrobot da empresa luxemburguesa LUX AI. Este foi criado para auxiliar crianças com autismo. Possui um ecrã com uma cara, é capaz de contar histórias e participar em jogos didáticos.

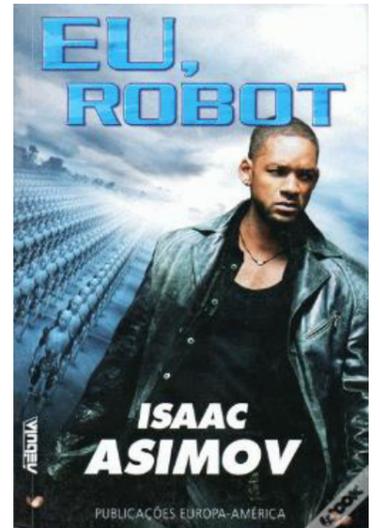
Por último, o Kiki da californiana Zoetic AI. Este aparenta um desenho animado dum gato e foi fabricado com o objetivo de amar o dono. tem vários microfones e uma câmara no nariz para interagir com os humanos.

Em suma, estes robôs auxiliam de um modo significativo a vida da população.

“Eu, Robot”

O filme “Eu, Robot” foi produzido em 2003 e lançado no ano seguinte por Alex Proyas, a partir de uma obra de Isaac Asimov. Este contou com a participação especial de Will Smith, no papel do detetive Del Spooner de Chicago, que em 2035, lidera a investigação de um cientista de robótica. Nessa altura, os humanos estão já habituados a viver com robôs, programados para serem empregados e assistentes dos mesmos. Como eram dotados de inteligência artificial, estavam programados com um código que impedia a violência

entre eles e os humanos, chamado Lei dos Robóticos. Após um assassinato, um deles é afinal considerado o principal suspeito. Os robôs vão conseguindo alguma autonomia e tomar decisões que a humanidade não consegue controlar. A temática do filme é a Inteligência Artificial e o desejo da inovação, no entanto, a sede de poder e a ambição, que tiveram consequências tão devastadoras devem fazer o homem refletir sobre o lugar que a tecnologia deve ocupar na sua vida. (João Venâncio, 8ºB,)



“Uma história de amor”

“Ela”, de Spike Jonze, foi produzido por Megan Ellison, Vincent Landav e pelo próprio Spike Jonze. O enredo gira em torno de um escritor solitário (Joaquin Phoenix) que desenvolve relações pessoais com um assistente virtual de computador (Scarlett Johansson), vivendo as angústias, alegrias e deceções próprias das relações amorosas. Deste modo, analisa-se a dependência do homem relativamente à tecnologia, obrigando a uma reflexão sobre essa relação. Este tema foi amplamente discutido, sendo

defendido por uns e criticado por outros.

O filme estreou no Festival De Cinema de Nova Iorque em 2013 e venceu o prémio de melhor filme nesse ano, pelo National Board of Review. O filme também partilhou o primeiro lugar de Melhor Filme com “Gravidade” nos Prémios Los Angeles Film Critics Association. “Ela” foi indicado para cinco oscars, tendo conquistado o prémio de melhor argumento. (André Rodrigues, 8ºB)



Prever o futuro

Curiosidade e a impaciência levam, por vezes, as pessoas a tentar conhecer o

Iolanda Veiga, 10ºA

seu futuro. Sendo real ou não a capacidade que alguns dizem ter de o adivinhar, a verdade é que em momentos de angústia muitos recorrem a videntes na ânsia de saber que o mau momento que atravessam vai terminar. Outros recusam estes métodos por acharem que não são prestáveis e que só servem para gastar dinheiro. No entanto, a verdade é que obter respostas para as dúvidas em relação ao que irá acontecer num futuro próximo é um desejo que com frequência incomoda o ser humano.

Muitas pessoas procuram, então, no sobrenatural “dicas” sobre o futuro. Algumas procuram a orientação de astrólogos, por exemplo, lendo os horóscopos que aparecem nos jornais

e revistas. Outras consultam adivinhos, videntes ou tarôs que dizem conseguir “ler” o futuro usando cartas, numerologia ou a palma da mão de alguém.

No passado, algumas pessoas tentavam saber o futuro consultando oráculos, os quais eram representantes de um certo deus e que passavam para os outros humanos mensagens dessa divindade.

Assim, saber aquilo de que precisamos para conquistar objetivos e superar obstáculos torna-se atraente, e, apesar de nos poder transmitir coisas que não desejamos ouvir, podemos sempre retirar uma lição de vida.

No entanto, penso que parte do nosso futuro é determinado pelas nossas atitudes e pelo modo como nos comportamos perante as outras pessoas, e isso é aquilo que define o presente. Sendo assim, é com este que nos devemos preocupar.

“AI - Inteligência artificial”

“AI-inteligência Artificial” é um filme de ficção científica de Steven Spielberg lançado em 2001, que equaciona a possibilidade de criar robôs com sentimentos.

O filme fala de uma família que perante a possibilidade de perder o filho, que está em estado vegetal, adota um robô (David), que tinha sido programado para amar eternamente os pais.

Entretanto, o filho biológico recupera e começa a viver com David, acabando por fazer com que vejam o robô como uma ameaça. Isto faz com que resolvam afastá-lo da família e, para evitar que seja destruído, Mónica, a mãe, (Frances

O’Connor) deixa-o na floresta por sua conta apenas com um urso de peluche, também ele robô. É inevitável refletir sobre a crueldade destes atos, já que o sentimento era a característica que distinguia estes robôs dos outros e o motivo pelo qual foram usados como terapia de substituição.

David pensava que os seus pais o queriam se ele fosse um menino verdadeiro, por isso, tenta, com a ajuda de um outro robô, Joe (programado para prostituir-se), encontrar a fada azul, personagem da história de Pinóquio, que transformara a marioneta de madeira num menino de carne e osso. David conseguiu encontrar a



fada azul (debaixo de água), pedindo-lhe eternamente que o transformasse. (Carolina Batista, 8ºB)

Projeto Rios

Primeira saída de campo do JI da Estação



Como prometido, cá estamos nós para dar notícias da nossa primeira saída de campo de Primavera!

Foi no passado dia 29 de abril que fomos confrontados com esse desafio tão aguardado por nós! Chegou o dia de conhecer (tocar e ver) um pouco do nosso troço de 500 m do Rio Fervença... aquele que iríamos adotar!

Depois de um encontro com a personagem “Maria do Rio”, que nos surpreendeu no salão polivalente da nossa escola, de mochila às costas e um boné com um simpático guarda-rios na pala, e nos falou sobre a visita ao Rio, junto à Ponte de Areães em Castro de Avelãs, passamos para a exploração do Kit que nos iria acompanhar, para nos permitir avaliar diversos parâmetros.

A nossa viagem no comboio turístico até próximo do local foi feita com grande entusiasmo e expectativa.

Partilhou connosco esta primeira saída o Coordenador do Núcleo Regional ASPEA-Bragança, também Monitor do projeto Rios, o Dr. Paulo Mafra.

Chegadas ao local, as crianças descobriram que tinham um laboratório natural à sua espera! Os “pequenos cientistas” iniciaram uma grande aventura com uma enorme curiosidade de observar, de tocar, de descobrir... mais e mais!

A primeira descoberta foi uma experiência sensorial... de olhos fechados... a escutar o som da água, dos grilos, dos pássaros... de todo o meio envolvente! Foi um momento mágico!

Mas os nossos sentidos também experimentaram alguma deceção com algo que os nossos olhos foram descobrindo.... Alguns vidros, plásticos, entulho, papéis... um pouco de poluição! A nossa missão está a começar e já começamos a detetar problemas... Temos um compromisso! Vamos precisar de ajudar o nosso rio!

De prancheta na mão, passamos para o preenchimento da ficha de campo, contando com o contributo de todos os intervenientes:

Do interior da mochila começamos por retirar a fita métrica, para medir a largura do rio.

Para calcular a profundidade recorremos à ajuda de um pau, para posterior medição.

Com a finalidade de descobrirmos a velocidade da água do rio, atiramos com um pedaço de tronco que flutuou ao longo de 7 metros ...demorou 17 segundos!

Medimos a temperatura da água, colocando o termómetro numa garrafa de plástico com a qual recolhemos água do rio! Adivinhem... a água estava a 12° C!

Verificamos a transparência da água e conseguimos visualizar os 4 quadrantes com o símbolo H₂O! Boa!

De camaroeiros na mão, iniciamos a descoberta dos macroinvertebrados existentes no rio, que por algum tempo observamos e dos quais fizemos registos fotográficos, mas que devolvemos ao seu habitat, passado algum tempo. Eram plecópteros, efemerópteros, coleópteros, escorpiões da água, moluscos, odonatas! Ficamos curiosos, queremos saber mais acerca destes bichinhos! Mas já descobrimos que a existência deles é um bom indicador da qualidade da água!

Há muito mais a analisar... a vegetação predominante, os anfíbios, os mamíferos, os répteis... É imensa a biodiversidade que o rio e as suas margens têm para nos surpreender!

Regressamos à escola, com muitas novidades para partilhar, e já divulgamos algumas descobertas. Venham ver as nossas produções! O “Projeto Rios” dá cor e vida aos placards e desperta a curiosidade de quem nos visita!

A segunda saída de campo está prevista para breve!

As pesquisas continuam... e esta causa que abraçamos com tanto empenho é uma responsabilidade mas também um privilégio!

Educadoras do Jardim de Infância da Estação



9 de maio Dia da Europa

A área disciplinar de Geografia participou nas comemorações do Dia da Europa, com a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos dos 7.º B, 11.º C e 12.º C/B1.

Fernanda Silva

A exposição, patente na biblioteca, pretende mostrar que o “Dia da Europa” continua a ser uma data muito importante que transformou a vida dos europeus.

A Europa, devastada pela Segunda Guerra, tinha a necessidade de se reconstruir e viver em paz e, com esse objetivo, no dia 9 de maio de 1950, Robert Schuman, considerado o Pai da Europa, fez a Declaração Schuman, em que a primeira das citações é “A paz mundial não poderá ser salvaguardada sem esforços criadores à medida dos perigos que a ameaçam”.

A Declaração Schuman levou à criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço,

que foi origem da atual União Europeia.

Passados 69 anos, embora a paz não se possa dar por garantia, continua a ser uma realidade nos países da União Europeia. Este ano, o tema é «escolha o seu futuro» e pretende alertar os jovens para a importância das suas decisões, como elas afetam a sua vida e que assumam a responsabilidade pelo futuro.



Visita de estudo ao miradouro de São Leonardo de Galafura e ao Museu do Quartzo

No dia 5 de Abril os alunos do 11ºA e B realizamos, no âmbito das disciplinas de Biologia e Geologia e Física e Química, uma visita de estudo a São Leonardo de Galafura (Peso da Régua) e ao Museu do Quartzo (Viseu).

Alunos do 11ºA

A visita de estudo começou no Miradouro de São Leonardo de Galafura onde pudemos apreciar a vista panorâmica do Douro, uma das mais apreciadas por Miguel Torga que a descreveu como "...Um Poema geológico. A beleza absoluta". Neste local foi possível fazer o enquadramento geológico da região, analisar a relação entre os vinhedos e a rocha dominante e recolher amostras de mão.

Durante a tarde fizemos uma visita ao Centro Interpretativo Galopim de Carvalho- Museu

do Quartzo, em Viseu. Este Museu, construído na antiga pedreira de exploração de quartzo (abandonada desde 1986), é o único do mundo dedicado exclusivamente a um mineral - o quartzo. A sua construção permitiu a recuperação paisagística do local e proporciona uma autêntica "viagem geológica" pelo nosso Planeta. No exterior do Museu pudemos apreciar a área da antiga exploração mineira e no seu interior fizemos uma visita guiada à exposição interativa onde o quartzo é explorado em toda a sua importância mineralógica, geológica e económica e à exposição denominada "A tua casa - O teu Reino Mineral" onde se pretende dar a conhecer a aplicação dos recursos minerais no dia-a-dia.

Esta atividade permitiu visitar vários conteúdos de Geologia e o contacto com diferentes amostras de quartzo provenientes de todo o mundo.



Bragança na UTAD

No dia 3 do mês de Abril do ano presente as turmas da área de ciências do décimo segundo ano da Escola Secundária Abade Baçal realizaram uma viagem de estudo à universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro (UTAD) no âmbito das disciplinas de Biologia e Química.

Patrícia Garcia, 12ºA

Nesse sentido, as turmas foram divididas em dois grupos para facilitar a realização das atividades, e logo na chegada foram recebidos por duas guias universitárias. Posteriormente, dirigiram-se até um laboratório onde diversas experiências - coordenadas por professores e alunos - relativas ao domínio da biologia os aguardavam. Abordaram o tema da obtenção

de azeite, assim como os procedimentos que levavam a efeito para calcular a acidez do líquido em causa, o funcionamento dos ostíolos e a sua importância na fotossíntese já que estes são responsáveis pela realização das trocas gasosas, entre outras. A atividade alargou-se aos microscópios, nos quais observaram líquens de várias formas e tamanhos.

Seguidamente, presenciaram uma palestra sobre engenharia e robôs, sendo que esta se debruçou sobre o humanoide "NAO" com o qual interagiram em inglês. O almoço teve lugar na própria cantina, e ainda na área da engenharia os alunos puderam aprender sobre o processo de criação de amostras de materiais.

Além disso, no decorrer da atividade, os alunos passearam por

um dos maiores jardins botânicos da Europa que conta com várias espécies de plantas devidamente identificadas.

Novamente no âmbito da Biologia, os alunos puderam reiterar diferentes expressões de genes nas drosófilas: moscas da fruta. Vale ressaltar que visitaram ainda o espaço destinado à associação académica.

Em suma, esta experiência enriqueceu os jovens em vários aspetos, já que estiveram contacto com um "ambiente universitário", obtiveram informações sobre diversificados cursos, observaram o estabelecimento em causa e experienciaram atividades executadas nas licenciaturas.



Doze anos de escola

No dia 24 de abril, realizou-se no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal a tradicional Comunhão Pascal, que contou com dois momentos diferentes: uma celebração de manhã, para os alunos do secundário e 2.º e 3.º ciclos, em que se celebrou a bênção dos finalistas, e outra à tarde para os alunos do 1.º ciclo. Ambas as cerimónias foram presididas pelo Padre Delfim.

| Dina Pinto

Durante a celebração da manhã, dinamizada pelos próprios alunos finalistas do 12.º ano, a comunidade educativa viveu momentos profundamente emotivos, designadamente a homenagem prestada aos jovens que faleceram no decurso do ano letivo: a Daniela Fernandes (aluna do 12.º ano), o Tiago Parreira e o Elídio Ramos. Juntamente com esta homenagem, fizeram-se votos de rápidas melhoras para a aluna Cassilda, ainda internada desde o acidente que vitimou a amiga Daniela.

As fotos dos jovens estavam, por isso, colocadas junto ao altar, trazendo-os da forma possível para o lugar onde deviam ainda estar. Neste ato de sentida

homenagem foi dedicado um poema a esses jovens, sendo também lembrados nas palavras da presidente da Associação de Estudantes, Raquel Silva, da diretora do Agrupamento, Teresa Sá Pires (ver caixa) e do Padre Delfim e nas vozes dos dois jovens que entoaram o cântico de Ação de Graças, João Vítor e Lara Silva. A animação musical esteve a cargo dos docentes de Educação Musical e alunos do 2.º ciclo, aos quais se juntaram 2 alunos do 8.º ano.

Nesta cerimónia foram vários os momentos marcantes: a bênção, o ofertório, o agradecimento dos jovens finalistas aos familiares que os acompanharam ao longo da etapa que agora termina (simbolicamente representado por uma rosa que cada estudante entregou a um familiar ou amigo à sua escolha). A direção, e a comunidade educativa através dela, entregou também aos elementos do grupo de teatro e à professora responsável uma rosa (no final do ano letivo não houve a habitual representação teatral, uma vez que o grupo se viu privado de duas das atrizes principais, a Daniela Fernandes, falecida no acidente, e a Cassilda, ainda hospita-



lizada). A aluna Cassilda assistiu a toda a cerimónia a partir do hospital, através da reprodução em vídeo da mesma.

A habitual sessão fotográfica encerrou o evento relacionado com a bênção de finalistas.

A parte da tarde foi dedicada à celebração da Comunhão Pascal com os alunos do 1.º ciclo que, de modo simbólico, solenizaram o momento do ofertório com uma coreografia do cântico do girassol, mostrando o desejo de embelezar o mundo com sementes de amor, de carinho e de ternura. No final da celebração, foram distribuídas pequenas cruzes com mensagens alusivas ao espírito pascal.

Queridos Finalistas!

Hoje é para vós, para os vossos professores e para os vossos familiares, um dia especial, porque é um dia de festa, de lembrança e de bênção. Os motivos que aqui vos trazem são diversos, mas o espírito é de comunhão e de gratidão aos professores, pais e amigos que vos guiaram no saber, no saber fazer e no saber ser.

Permiti-me que, tomando como metáfora o girassol, vos desafie a encontrar na maravilha da natureza o que de extraordinário ela tem para nos ensinar. Como este girassol, voltai-vos para a Luz e nunca cesseis de buscá-la. Buscai-a na vossa vida, na família, nos amigos, nos professores, no trabalho e, se fordes crentes, em Deus. O que aprendes-

tes nesta escola vos ajude a encontrar essa Luz, abra os vossos olhos e guie os vossos passos no caminho da construção da felicidade e da feliz cidade.

Nos dias nublados, em que não temos como lhes fugir, não fiquéis acabrunhados, de cabeça baixa, a olhar para o chão. Aprendamos com este mesmo girassol a voltarmos uns para os outros, em atitude de cuidado e protecção. Nas horas difíceis e dolorosas, olhai para dentro em busca dessa luz interior que precisa de ser partilhada e transmitida com gestos de proximidade. Olhemos, pois, uns pelos outros, sem nunca nos perdermos de vista.

E um último desafio, quando o girassol deixa de crescer, deixa de girar. Por isso, nunca

deixeis de cultivar a vossa mente e o vosso espírito. Nunca deixeis de procurar. Esforçai-vos por crescer em conhecimentos, em sabedoria e em profundidade. Cultivai o vosso espírito, trabalhai as vossas competências e os vossos talentos. Construí a comunidade humana digna desse nome, procurai encher a sociedade de ideais nobres, onde cada um se possa desenvolver e ter lugar como pessoa, para ser o melhor que conseguir.

Sede protagonistas de uma sociedade mais justa e mais solidária, voltando para ela com um novo olhar. Ousai a revolução do serviço!

Teresa Sá Pires, diretora do Agrupamento



À Daniela Fernandes... para sempre

Daniela, partiste e com isso levaste também uma parte de mim porque sem ti já nada é o mesmo. À medida que o tempo passa as saudades que sinto são mais fortes. O sentimento de já não te ter mais ao meu lado, de não poder ouvir mais a tua voz, de já não poder cantar contigo nas aulas de Aplicações Informáticas, de não poder aquecer as tuas mãos sempre frias, de já não poder estar lá para ti nos bons e maus momentos, de já não poder ouvir música contigo e falar sobre as mais variadas coisas, é e sempre será algo que vai estar sempre presente na minha vida. Penso em ti todos os dias, estou sempre à espera de que faças aquela coisa que fazias ou aquilo que dizias, estou à espera do momento em que costumavas intervir e agora fico só à espera...

Tinhas a capacidade de animar qualquer pessoa com as tuas palavras sensatas e otimistas e com o teu sorriso, e era isso que te tornava tão diferente, mas tão bela. Isto não é um adeus é só um até já. Vais estar sempre nas nossas memórias, porque é na dor que encontramos o sentido da vida.

Beatriz

Tu foste a alegria e a animação em pessoa, todas nós sabemos disso. Quero, primeiramente, agradecer por ter tido a oportunidade de te conhecer ao ponto de não me seres indiferente mas sim ao ponto de fazeres parte da minha vida, como sempre farás. Ambas sabíamos que o mundo era injusto, e mesmo assim ele ainda fez questão de o provar, levando-te para uma nova morada. Elogio a capacidade que tinhas com as palavras, era como ouvir uma grande filósofa a argumentar. E o teu sorriso nas fotos? Sinto saudades. Estou a sentir falta da tua boa disposição que alargavas a todas nós, das tuas piadas, dos teus conselhos, da tua ajuda e dos momentos que vivenciamos, enfim, de tudo. Muitos objetivos ficaram por realizar, palavras por dizer e risadas por dar... Espero que saibas que és muito importante para mim. Custa-me perceber que o nosso futuro não será o mesmo, é estranho não te ver à minha frente na aula de Português, não ouvir as tuas intervenções em Matemática, nem a tua voz. Ainda nos vamos reencontrar, espero que haja aí música, espero que estejas bem onde quer que estejas e espero que nos aguardes. Levaste contigo uma parte de nós do mesmo modo que nós ficamos aqui com uma parte tua. Guardar-te-ei para sempre nas minhas gavetas de amor, Dan.

Patrícia

Se eu tivesse de te descrever? Uma pessoa simples acima de tudo, com uma alegria contagiante que faz todos sorrirem, responsável, convicta, determinada, sempre disposta a ajudar, com um talento incrível para representar, uma amiga verdadeira que fica sempre no coração para o resto da vida. Tens uma enorme capacidade para dar conselhos sobre todo o tipo de questões e uma grande paciência para me aturar. E o que mais fica na lembrança é a tua boa disposição, os momentos que passamos a dar risadas sem um motivo específico e o teu gosto particular por tipos de música que nos fazias ouvir nas aulas de Aplicações Informáticas e não se pode esquecer o teu incomensurável (des)gosto pelas aulas de educação física. É difícil descrever a emoção que se sente quando deixamos de ter alguém fisicamente ao pé de nós, mas acredito que sempre terás contigo essa felicidade que te acompanha e sei que estarás sempre conosco, Dani.

Carolina:



Daniela, demos as mãos como duas irmãs, naquele setembro de 2007, no início do nosso percurso escolar, e assim seguimos... Estudamos, brincamos, ouvimo-nos uma à outra, ajudamo-nos sempre que precisamos... e passeamos tantas vezes... Este era apenas mais um passeio... Não estávamos de mãos dadas, mas estava abraçada a ti... não percebo... é tão difícil aceitar que partiste... tanta coisa que ficou por fazer... Tenho de acordar de tantos sonhos... tudo será diferente sem ti... nada será como era para ser. Fico numa tristeza infinita... com tanta saudade... Mas na esperança de um dia nos reencontrarmos e podermos seguir... de mãos dadas... Deixas-me quase 12 anos de uma amizade brilhante, os teus conselhos, o teu sorriso, o teu companheirismo, as tuas brincadeiras, o teu sentido de vencer, a confiança que depositavas em mim, as longas conversas... até o teu chamar... enfim... tudo.

Foi maravilhoso ter-te como Amiga, perder-te é muito difícil.

Cassilda

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ABADE DE BAÇAL – BRAGANÇA
TEATRO ESCOLAR 2018/2019



Intérprete da personagem
Eurídice na peça teatral
“Sequestrados!”

EM TODOS OS JARDINS

Em todos os jardins hei-de florir,
Em todos beberei a lua cheia,
Quando enfim no meu fim eu possuir
Todas as praias onde o mar ondeia.

Então receberei no meu desejo
Todo o fogo que habita na floresta
Conhecido por mim como num beijo.

Um dia serei eu o mar e a areia,
A tudo quanto existe me hei-de unir,
E o meu sangue arrasta em cada veia
Esse abraço que um dia se há-de abrir.

Então serei o ritmo das paisagens,
A secreta abundância dessa festa
Que eu via prometida nas imagens.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Dani, não sou grande coisa com palavras ou textos sentimentais, mas vou tentar deixar explícita a minha mensagem para ti. A nossa amizade não se mede em anos, mas sim em vivências, gosto de moldá-la assim. Conhecemo-nos nestes três anos de secundário e construímos uma amizade ainda verde mas verdadeira, a qual eu nunca irei esquecer e que estará na minha mente e coração para sempre... Não há palavras suficientes para conseguir agradecer os fantásticos momentos que vivemos juntos.

Agradeço-te pelos conselhos antes dos exames de condução, pelos elogios no ginásio, pelas tuas explicações antes dos testes de matemática. Agradeço tudo o que vivi contigo, nunca esquecerei as nossas brincadeiras e malucadas. Muito mais estava para vir e agora ficámos com a nossa amizade estagnada, mas inesquecível... Posso não ter vivido muito contigo, mas estou extremamente grato por nos termos relacionado e partilhado momentos tão ricos e divertidos.

Espero que a nossa amizade continue e que tenhamos muitas mais linhas para continuar a nossa história.

Agora cabe-te a ti aguardar por nós.
Sérgio



CA Jovens



**GREAT* É TERES
A TUA MESADA
SEMPRE À MÃO.**



PUBLICIDADE 05/2017

*Excelente



CA
Crédito Agrícola
O Banco nacional
com pronúncia local
Desde 1911